

Percursos Escolares dos Estudantes da Universidade de Lisboa

Relatório Preliminar *Factores de sucesso e insucesso escolar na Universidade de Lisboa*

1

Dezembro 2005

Coordenação

António Nóvoa, Vice-Reitor

Elaboração

Ana Paula Curado

Joana Machado



FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Reitoria da Universidade de Lisboa

TÍTULO

PERCURSOS ESCOLARES DOS ESTUDANTES DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
RELATÓRIO PRELIMINAR n.º 1
Factores de sucesso e insucesso escolar na Universidade de
Lisboa

COORDENAÇÃO

António Nóvoa, Vice-Reitor

ELABORAÇÃO

Ana Paula Curado
Joana Machado

EDIÇÃO

Reitoria da Universidade de Lisboa

CAPA

Leonel Ângelo
DSRE/Divisão de Relações Externas

IMPRESSÃO

Reitoria da Universidade de Lisboa

TIRAGEM

150 exemplares
1ª Edição
Dezembro de 2005

Índice

1. Apresentação	4
Objectivos e fontes de informação do relatório preliminar	5
2. Procura social de ensino superior, aproveitamento escolar e formulação de políticas educativas	7
A situação em Portugal e os dados do OCES (Observatório da Ciência e Ensino Superior)	10
Produção legislativa nacional	11
3. A investigação sobre o insucesso escolar no ensino superior	13
Linhas de investigação	15
Linhas de investigação nacional	20
Estudos sobre o sucesso/insucesso escolar no ensino superior em Portugal (1996 – 2006)	22
Estudos realizados na Universidade de Lisboa	29
4. Aproveitamento escolar e taxas de diplomação na Universidade de Lisboa	33
5. Factores de sucesso e insucesso na Universidade de Lisboa	40
Factores de contexto	40
Factores individuais de sucesso/insucesso	40
Percurso no ensino secundário e prioridade de selecção do curso/instituição	41
Factores institucionais de sucesso/insucesso	43
Formas de integração dos alunos do 1º ano e serviços de apoio aos alunos	43
Clareza dos objectivos dos programas de formação	48
Qualidade dos docentes	51
Processos de inserção na vida activa e grau de satisfação relativamente à adequação da formação ao exercício da actividade profissional	54
Condicionantes da concretização de uma “cultura de qualidade”	59
6. Conclusões e recomendações	61
Etapas seguintes	67
Referências	69
Referências on line	72
Relatórios de auto-avaliação e de avaliação externa	73
Documentos UNIVA /GAPSI	74
ANEXOS	75
1. Protocolo de entrevista aos Presidentes do Conselho Pedagógico	75
2. Grelhas de análise de conteúdo dos relatórios de avaliação externa, relatórios de auto-avaliação e relatórios de actividades das UNIVA, GAPSI ou equivalentes	77
3. Quadro-síntese de trabalhos, eventos, organizações e redes dedicados ao estudo do sucesso/insucesso escolar no ensino superior português (1996-2006)	78

1. Apresentação

O insucesso escolar no ensino superior, entendido do ponto de vista integrado de elevadas taxas de abandono e reprovação e reduzidas taxas de diplomação, tem sido tema de preocupação dos responsáveis académicos da generalidade dos países ocidentais, levando à adopção de medidas que os permitam combater. Sendo muito variados os factores que, segundo a literatura, contribuem para explicar os fenómenos do abandono e insucesso escolares no ensino superior, o conjunto de estudos que agora se inicia pretende identificar grandes linhas de força em termos de análise e actuação, que vão desde a caracterização sociográfica dos alunos da Universidade de Lisboa e dos processos de ensino e aprendizagem em vigor, às formas de selecção dos alunos e de recrutamento e desenvolvimento profissional dos professores, até às modalidades de apoio pedagógico, financeiro, social, cultural e profissional dos jovens.

Combinar-se-á a realização de estudos quantitativos, descritivos, identificadores de grandes tendências, com estudos de caso de carácter biográfico, que nos permitam entender de que forma as estratégias individuais e familiares, de formação e emprego, se entrecruzam na explicação das atitudes, comportamentos e resultados dos alunos da Universidade de Lisboa.

Pretende-se igualmente, para além da compreensão das várias formas de que se revestem os fenómenos do abandono e insucesso escolares na Universidade de Lisboa, o desenvolvimento de programas fundamentados de intervenção para a promoção do sucesso escolar.

Este conjunto de estudos pretende, por fim, apresentar uma proposta fundamentada sobre o conjunto de indicadores necessários ao estudo do insucesso escolar no ensino superior

Haverá duas formas de monitorização:

1. A monitorização interna, após a conclusão de cada uma das suas etapas.
2. O acompanhamento regular por um conselho de especialistas da Universidade de Lisboa¹.

O relatório que agora se apresenta diz respeito a uma etapa preparatória do desenvolvimento dos estudos.

Objectivos e fontes de informação do relatório preliminar

No estudo preparatório dos factores de sucesso ou insucesso na Universidade de Lisboa foram utilizadas as seguintes fontes principais de informação²:

1. Dados estatísticos fornecidos pela Direcção-Geral de Ensino Superior e pelo Observatório da Ciência e do Ensino Superior.
2. Relatórios de auto-avaliação e de avaliação externa dos cursos (com o *caveat* de datarem de 2001, 2002 ou 2003, no caso das Faculdades de Letras e Ciências; 2003 nas Faculdades de Farmácia e Medicina Dentária; 2004 nas Faculdades de Direito e Medicina; e 2005 nas Faculdades de Belas-Artes e Psicologia e Ciências da Educação).
3. Estudos internos sobre sucesso / insucesso.

¹ Fazem parte do Conselho Consultivo do projecto: Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira, do ICS, João Pedro Ponte e Odete Valente, da Faculdade de Ciências, Maria Teresa Estrela, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Helena Rebelo Pinto, do Instituto de Orientação Profissional, Inês Duarte, da Faculdade de Letras e Margarida Calado, da Faculdade de Belas-Artes. A coordenação geral do projecto é do Vice-Reitor, Prof. António Nóvoa.

² Ver grelha de análise de conteúdo em anexo.

4. Relatórios de actividade das Unidades de Inserção na Vida Activa e dos Gabinetes de Apoio ao Aluno de cada Faculdade.

Foram, ainda, realizadas entrevistas exploratórias aos Presidentes dos Conselhos Pedagógicos e aos animadores das Unidades de Inserção na Vida Activa (UNIVA) e dos Gabinetes de Apoio ao Aluno de cada Faculdade³. Estas entrevistas ajudaram a definir melhor a problemática do estudo, contribuindo para identificar aspectos a ter particularmente em conta, pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho (Quivy & Van Campenhoudt, 1992).

A elaboração deste relatório preliminar pretendeu:

- Analisar criticamente as fontes estatísticas existentes e propor alternativas fundamentadas, contribuindo para a identificação de um conjunto de indicadores necessários à caracterização dos fenómenos de sucesso, repetição e abandono no ensino superior.
- Enquadrar a problemática do sucesso e insucesso no conjunto de trabalhos realizados sobre o ensino superior em Portugal e no exterior, tendo em atenção a sua evolução temporal.
- Identificar factores de sucesso/insucesso relacionados com o contexto sócio-económico e cultural dos alunos da Universidade de Lisboa, o seu percurso no ensino secundário e formas específicas de funcionamento e organização das várias Faculdades e da Universidade de Lisboa no seu todo, realçando um conjunto de “pontos fortes” e de “boas práticas” que poderão ser convertidos em programas de intervenção para o sucesso dos alunos da Universidade de Lisboa.

³ Ver o protocolo de entrevista em anexo.

- Lançar as bases para o prosseguimento da investigação sobre os percursos escolares dos alunos da Universidade de Lisboa.

2. Procura social de ensino superior, aproveitamento escolar e formulação de políticas educativas

A procura social de ensino superior cresceu muito no último meio século, tanto em termos internacionais como nacionais. Segundo explica Grácio (1997), o crescimento deste sistema de ensino induz a sua própria procura, porque: 1) os descendentes dos grupos sociais de mais elevado capital cultural são, por natureza, mais adaptáveis às normas da escola, o que favorece o aproveitamento e, por conseguinte, a procura de ensino superior; 2) o crescimento do sistema de ensino alarga o próprio mercado sustentador desse crescimento, com a expansão das várias categorias de professores (indução da procura pela oferta); e 3) o crescimento do sistema de ensino tende a gerar uma desvalorização dos diplomas.

O aumento da procura social de ensino superior levou a um alargamento do seu público-alvo tradicional e acarretou, como consequência, um acréscimo das taxas de abandono e retenção. Depois de ter sido definido na arena pública como “problema económico, social e político”⁴, os responsáveis académicos e administrativos viram-se na obrigação de lançar programas de prevenção e combate ao insucesso e abandono nos estabelecimentos de ensino superior.

⁴ Ver *The Politics of Problem Definition* (1994), onde Rochefort & Cobb explicam como um problema social passa a “problema político” quando o seu significado social, as suas implicações e respectivo sentido de urgência o transferem para a arena pública, através dos *media*, multiplicando o “sentimento de crise” a ele inerente e buscando, por conseguinte “os culpados” a quem castigar.

Nos Estados Unidos da América, segundo dados de um inquérito realizado pelo *National Center for Education Statistics*⁵, cerca de 30% dos alunos que se matricularam no ensino superior em 1989-90 abandonaram os estudos antes do início do segundo ano, dos quais 16% provenientes de cursos de 4 anos, e 42% vindos de cursos de dois anos. A fim de estudar as razões de tal fenómeno, a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), através do *Higher Education Institute*, patrocina o Programa *Your First College Year*⁶, que permite fornecer tipologias de alunos que abandonam ou não progridem. Este Programa integra-se num conjunto coerente de outros, como o *Freshman Survey*⁷ e o *College Student Survey*⁸, que estudam as atitudes, os níveis de participação, o desenvolvimento afectivo e cognitivo, as aspirações de carreira e o grau de satisfação académica dos alunos do ensino superior nos EUA; e o *Faculty Survey*, que fornece dados sobre o perfil dos docentes das instituições de ensino superior, servindo de base às respectivas actividades de auto-avaliação, acreditação e desenvolvimento profissional.

No **Canadá**, as instituições académicas têm-se preocupado em compreender o problema do abandono e insucesso no ensino superior, promovendo seminários subordinados a temas como *The Canadian Student Experience: Patterns, Prospects and Policies*,⁹ com base nos dados do *Paths of Life's Way Project*, um estudo longitudinal de 700 alunos que terminaram o ensino secundário em 1988.

⁵ <http://nces.ed.gov/edstats/index>. Consultado em 07-06-2005.

⁶ http://www.gseis.ucla.edu/heri/yfcy/yfcy_presentations_02.html. Consultado em 03-06-2005.

⁷ <http://www.gseis.ucla.edu/heri/freshman.html>. Consultado em 03-06-2005.

⁸ http://www.gseis.ucla.edu/heri/css_survey.html. Consultado em 03-06-2005.

⁹ <http://www.edu.yorku.ca:8080/cse/PresenterAbstract>. Consultado em 20-05-2005.

No Reino Unido, os media têm publicado artigos¹⁰ chamando a atenção para as estatísticas divulgadas pela *Higher Education Statistics Agency*, segundo as quais o abandono apresentava taxas que iam de 1,3% e 2,0% em Cambridge e Oxford, respectivamente, até aos 37% da Universidade de Napier, na Escócia. Para compreender e intervir sobre esta situação, a Universidade de Napier desenvolveu, entre 1995 e 2003, o *Student Retention Project*¹¹, que identificou indicadores estatísticos relacionados com os factores que influenciavam a retenção e progressão dos jovens universitários, e, por meio de uma análise de coorte, estudou formas de identificar “estudantes em risco” e de melhorar as taxas de sucesso.

Em França, a publicação *L'État de l'École* nº 14 (2004)¹² identificou a taxa de sucesso dos *DESS/maîtrises*, dos *DEA/maîtrises*; e dos *doctorats/DEA* em, respectivamente, 42,7%; 29,9%; e 30,8%. Para estudar as várias facetas da vida estudantil, foi criado em 1989 o Observatório da Vida Estudantil (OVE)¹³, ligado ao Ministério de Educação francês, o qual lança de três em três anos um inquérito a uma mostra representativa de alunos (24 mil) e que tem produzido estudos sobre os estudantes e as suas condições de vida e de trabalho, a disparidade de emprego do tempo, transporte, alimentação e saúde, ocupação de tempos livres e práticas culturais, condições de sucesso. A “célula científica e tecnológica” do INRP (*Institut National de Recherche Pédagogique*) tem igualmente desenvolvido trabalhos com base nos dados recolhidos pelo OVE¹⁴.

¹⁰ http://www.thes.co.uk/story.aspx?story_id=2016190. Consultado em 07-06-2005.

¹¹ <http://www.napier.ac.uk/qes/studentretentionproject>. Consultado em 03-06-2005.

¹² <http://www.education.gouv.fr/stateval/etat/presentation2.htm>. Consultado em 07-06-2005.

¹³ <http://www.ove-national.education.fr>. Consultado em 07-12-2005.

¹⁴ <http://www.inrp.fr/vst>

A situação em Portugal e os dados do OCES (Observatório da Ciência e Ensino Superior)

Em Portugal, um estudo recente do OCES com dados de 2002-2003 informava que a taxa de insucesso no ensino superior era de 40,6%, dos quais 36,5% nas Universidades e 46% nos Politécnicos. Nesse trabalho, “taxa de sucesso” é definida como o rácio entre os alunos inscritos no ano n e os alunos diplomados no ano $n+x$, sendo $x = n^{\circ}$ anos do curso, ou seja, uma definição de “sucesso” que não entra em consideração com os alunos que se transferem intra e inter-instituições, nem com aqueles que terminam o curso em mais anos do que os previstos nos planos de estudo.

O Quadro 1 apresenta, para a Universidade de Lisboa, a “taxa de insucesso” por Faculdade, segundo os dados do OCES.

Quadro 1

Taxa de insucesso na Universidade de Lisboa, por Faculdade – Diplomados em 2002-2003

Faculdade	Taxa de Insucesso (%)
Ciências	47,2
Direito	13,5
Farmácia	24,3
Letras	53,2
Medicina	-9,5
Psicologia e Ciências da Educação	36,0
Belas-Artes	42,3
Medicina Dentária	39,7

Fonte: *Índice de sucesso escolar no ensino superior público: Diplomados em 2002-2003*. OCES, 2004.

Os dados do OCES devem ser desmontados para poderem ser interpretados. Como defendem os teóricos da “eficácia das instituições educativas” e como explicava o documento *Answers in the tool-box: Academic intensity, attendance patterns, and Bachelor's Degree attainment* (Adelman, 1999¹⁵), para se medir o grau de “eficácia” do ensino superior torna-se necessário: 1) seguir os alunos e não as instituições; 2)

¹⁵ <http://www.ed.gov/pubs/Toolbox/toolbox.html>. Consultado em 08-09-2005.

identificar as transferências; e 3) considerar percursos escolares de $n+x$ anos, dado muitos alunos terminarem os cursos nos anos imediatamente seguintes ao prazo previsto.

A apresentação de dados “em bruto” pelo OCES reveste-se de importância acrescida pelo facto de outros investigadores se servirem deles como base de estudos sobre a “eficiência” das Universidades Portuguesas. Cita-se como exemplo o trabalho *Students and teachers: A DEA approach to the relative efficiency of Portuguese Public Universities*, de A. Afonso e M. Santos (2005), em que os autores, apresentando como palavras-chave os termos “eficiência” e “fronteira de possibilidade de produção” aplicados à “educação terciária”, utilizam como “medidas de *input*” o número de docentes por instituição/faculdade e respectiva despesa e como “medidas de *output*” a taxa de conclusão dos cursos no final dos anos regulamentares e o número de dissertações de doutoramento.

Produção legislativa nacional

A legislação nacional produzida ao longo das décadas de 1990 e 2000 revela a preocupação dos decisores políticos com o combate ao insucesso escolar no ensino superior. A Lei nº 38/94, de 21 de Novembro, que estabeleceu as bases do sistema de avaliação e acompanhamento das instituições do ensino superior, previa que este considerasse, nomeadamente, “a procura efectiva dos alunos, o sucesso escolar e os mecanismos de apoio social” (Artigo 3º), e tivesse como consequências, entre outras, “a celebração de planos de desenvolvimento com vista à correcção das disfunções e disparidades encontradas no processo de avaliação” (Artigo 5º).

A Lei nº 113/97, de 16 de Setembro, que definiu as bases do financiamento do ensino superior público, introduziu o conceito de “estudante elegível para o financiamento” como sendo aquele concluiu o curso num determinado período de tempo. O estudante que permanecesse na instituição mais tempo do que o previsto (mais de $n + 2$, sendo n o nº de anos constante dos planos curriculares) deixava de ser elegível para financiamento da respectiva instituição.

O Despacho nº 6659/99 (2ª série), de 5 de Abril, lançou as bases de um programa de combate ao insucesso escolar no ensino superior, distinguindo “situações de insucesso escolar persistente”, traduzidas em elevadas taxas de reprovação em determinadas áreas científicas e motivadas por causas estruturais ou conjunturais, de “outras situações” que se traduziam em reprovações resultantes do desinteresse individual, do absentismo e da ausência de esforço efectivo por parte dos estudantes”. Nele se propôs: 1) às instituições que, no prazo de seis meses, promovessem a identificação das situações de insucesso escolar persistente e a definição de medidas correctivas a tomar, bem como a apresentação à tutela de programas concretos com vista à celebração de contratos de qualidade nas situações que o justificassem; e 2) à Direcção-Geral do Ensino Superior que, no mesmo prazo, promovesse “a preparação dos contratos de qualidade tipo a adoptar”.

A Lei nº 1/2003, de 6 de Janeiro, que aprovou o regime jurídico do desenvolvimento e da qualidade do Ensino Superior, especificou que competia ao Estado, no domínio do ensino superior, promover a avaliação da sua qualidade científica, pedagógica e cultural (Artigo 1º), sendo função do Governo criar mecanismos que assegurassem essa avaliação (Artigo 2º). A Lei nº 37/2003, de 22 de Agosto, estabeleceu novas bases de

financiamento do ensino superior, que se deveria processar, a partir de então, “de acordo com critérios objectivos, indicadores de desempenho e valores padrão relativos à qualidade e excelência do ensino ministrado” (Artigo 1º), prevendo a celebração de contratos-programa destinados, entre outros fins, à promoção do sucesso escolar, devendo neles as instituições participar com um montante mínimo de 20% (Artigo 7º).

Todo este conjunto legislativo demonstra a prioridade atribuída pelo poder político ao combate ao insucesso escolar no ensino superior e explica o aumento das preocupações institucionais com o mesmo, na medida em que este passou a encontrar-se directamente ligado ao seu financiamento. Daí o lançamento de programas visando a compreensão do insucesso nos seus contextos específicos e o estudo de mecanismos de prevenção do mesmo, os quais tiveram em consideração a investigação existente sobre a matéria.

3. A investigação sobre o insucesso escolar no ensino superior

Parece haver consenso entre os investigadores que só a partir das últimas décadas é que o ensino superior passou a constituir um sério objecto de estudo, com a excepção notável de Bourdieu e Passeron que, em 1964, publicaram *Les Héritiers* (Rey, 2005)¹⁶.

A criação, em França, do Observatório Nacional da Vida Estudantil (OVE) permitiu o desenvolvimento de um conjunto de investigações sobre o tema. O Centro de Sociologia

¹⁶ http://www.inrp.fr/vst/Dossiers/Ens_Sup/Sommaire.htm. Consultado em 02-12-2005.

Não obstante, Fave-Bonnet & Clerc (2001) estudaram a evolução da investigação sobre os estudantes do ensino superior em França, tendo identificado quatro abordagens: 1) Estudos sobre o “Estudante-‘Herdeiro’” (1964 – 1974); 2) Estudos sobre o “Estudante – Actor” (1964 – 1982); 3) Estudos sobre as diversas identidades estudantis que resultam das diversas relações que se estabelecem entre os estudantes e as fileiras do ensino superior em que ingressaram (1982 – 1990); 4) Estudos sobre os estudantes como “grupo social”, com ênfase nos “novos estudantes” (1990-2000).

das Organizações (CSO)¹⁷, por sua vez, tem promovido, sob o impulso de Christine Musselin¹⁸, um programa de estudos dedicado ao ensino superior. Em 2001 foi criada, também em França, a Rede de Estudos sobre o Ensino Superior (RESUP)¹⁹, que federa as investigações de diversas disciplinas das ciências humanas e sociais sobre o ensino superior.

Outras redes internacionais de estudos sobre o ensino superior incluem, no Canadá, o Centro de Estudos e Investigação sobre o Ensino Superior (CERES)²⁰ e o Consórcio de Animação sobre o Sucesso e a perseverança no Ensino Superior (CAPRES)²¹, nos EUA, a Associação Europeia de Universidades²², o Centro de Estudos de Políticas do Ensino Superior, dinamizado pela Universidade de Twente, na Holanda, o Centro de Estudos de Políticas de Ensino Superior da Universidade de Oxford²³, o Consórcio de Investigadores de Ensino Superior²⁴, a Associação Europeia para a Certificação da Qualidade no Ensino Superior²⁵ e a Sociedade para a Investigação no Ensino Superior (SHRE)²⁶. Em Portugal, foi criado, sob o impulso de A. Amaral, o Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior (CIPES).

Em termos transnacionais, destaca-se a constituição da rede Euredocs, para debater o tema da europeização do ensino superior e agregar informação sobre os estudos de pós-

¹⁷ CSO: Centre de Sociologie des Organisations.

¹⁸ Christine Musselin tem também diversas publicações no âmbito da educação comparada, sobre as organizações universitárias em França e noutros países, em parceria com E. Friedberg (1989, 1992, 1993).

¹⁹ RESUP: Réseau d'Études sur l'Enseignement Supérieur.

²⁰ CERES: Centre d'Études et de Recherche en Enseignement Supérieur.

²¹ CAPRES: Consortium d'Animation sur la Réussite et la Persévérance en Enseignement Supérieur.

²² EUA: European University Association.

²³ Oxford Centre for Higher Education Policy Studies.

²⁴ Center for Higher Education Policy Studies.

²⁵ European Association for Quality Assurance in Higher Education.

²⁶ Society for Research into Higher Education.

graduação que estão a ser desenvolvidos sobre a matéria, e a criação do programa da OCDE sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino superior (IMHE)²⁷.

Constituindo o ensino superior um campo de estudos específico, os resultados da investigação tendem a ser apresentados, não apenas em redes internacionais, mas também em revistas da especialidade, de que se destacam, por exemplo, no mundo anglo-americano, *Higher Education*, *Higher Education Policy*, *Higher Education Quarterly*, *Studies in Higher Education* e *The Journal of Higher Education*, e no mundo francófono *Politiques et Gestion de l'Enseignement Supérieur*.

Linhas de investigação

As linhas de investigação sobre o ensino superior poderão ser categorizadas de várias formas, por exemplo, segundo o principal objecto de estudo ou segundo o referencial teórico subjacente. Se atendermos à primeira categoria, poderemos identificar quatro linhas principais: 1) os estudantes e as suas condições de vida, de trabalho e de inserção profissional; 2) os professores/investigadores e as suas condições de trabalho; 3) as formas de governo e de liderança organizacional das instituições, incluindo as relações com a comunidade ou território local e o estudo da eficiência e eficácia dos investimentos no ensino superior; 4) políticas de ensino superior. Se atendermos ao quadro teórico subjacente, poderemos referenciar três principais linhas de estudo: 1) aquelas que, com base nas teorias da reprodução e do *handicap* cultural, enfatizam os factores de contexto sócio-económico e cultural para compreender os percursos, processos e resultados; 2) aquelas que, com base na análise organizacional, enfatizam os factores institucionais promotores do sucesso escolar; e 3) aquelas que se baseiam nas

²⁷ IMHE: Institutional Management of Higher Education.

teorias da acção para estudar as estratégias subjacentes às escolhas académicas e profissionais.

As teorias da reprodução social (Bourdieu-Passeron) e do *handicap* cultural (Bernstein) permitem explicar por que razão, tal como acontece no ensino não superior, os estudantes provenientes de meios sócio-económicos mais desfavorecidos apresentam uma maior probabilidade de insucesso no ensino superior²⁸. Nos estudos sobre o insucesso e abandono no ensino superior influenciados por essas linhas teóricas, os factores relacionados com as características dos estudantes “à entrada”²⁹ apresentam especial relevância: para além da origem social, as qualificações de entrada (que são influenciadas por esta) e a relação entre o curso seguido e a opção de entrada (influenciada pela anterior).

Investigações recentes, realizadas na Universidade de Napier, na Escócia, e na Universidade de Paris VIII, parecem incluir-se neste quadro conceptual. Para fazer face à recorrente e elevada taxa de insucesso, a Universidade de Napier desenvolveu, entre 1995 e 2003, o *Student Retention Project*³⁰, que não apenas identificou os dados estatísticos relacionados com os factores que influenciavam a retenção e progressão dos jovens universitários, como, por meio de uma análise de coorte, estudou formas de identificar “estudantes em risco” e de melhorar as taxas de sucesso.

²⁸ Ver, por exemplo, *Losing out? Socioeconomic disadvantage and experience in further and higher education*, de Andy Furlong e Alisdair Forsyth. Joseph Rowntree Foundation, Policy Press, 2005. <http://www.jrf.org.uk/knowledge/findings/socialpolicy/s63.asp>. Consultado em 07-06-2005.

²⁹ Cf, por exemplo, *Inquiry into Higher Education: Student retention. Submission from the Student Retention Project*, Napier University, Edimburgo, Escócia; e Furlong & Forsyth (2005), *Losing out? Socioeconomic disadvantage and experience in further and higher education*.

³⁰ <http://www.napier.ac.uk./qes/studentretentionproject>. Consultado em 03-06-2005.

Por sua vez, a Universidade de Paris VIII, a de mais elevada taxa de insucesso em França, promoveu a realização de um estudo para compreender as razões da existência de um tão elevado número de “estudantes fantasma” nas suas hostes. Tal estudo intitulou-se *Les étudiants fantômes. Rapport de recherche*, foi coordenado por Florence Légendre e publicado em 2002³¹. A autora procurou identificar as características dos alunos que abandonavam o curso logo no 1º ano, tendo concluído que os mesmos se dividiam em dois grandes grupos: aqueles que abandonavam ao fim de poucos dias ou semanas, invocando sobretudo razões relacionadas com o choque sentido entre a cultura liceal e a cultura universitária; e os que ficavam até ao final do semestre, embora sem fazer os exames, que invocavam sobretudo razões de falta de enquadramento pedagógico (convém referir que, nesta Universidade, o percurso escolar é construído livremente pelos alunos).

Investigadores mais influenciados pelas teorias da acção social (Boudon) recusam o termo “abandono” e utilizam o conceito de “retirada” (*withdrawal*) para traduzir uma estratégia de afirmação positiva por parte dos estudantes³². Por exemplo, segundo os trabalhos desenvolvidos pela *National Organisation for Adult Learning* (NIACE), incluir na designação “abandono” todos os que não concluem o curso superior implicaria agregar nesta categoria aqueles que deixam de estudar por razões “positivas”, tais como terem atingido os objectivos de aprendizagem que se propuseram, terem arranjado um bom emprego, ou terem decidido transferir-se para outra instituição.

Outras investigações debruçam-se sobretudo sobre os “novos estudantes” (Elrich, 1998) e sua diversidade social, de proveniências e de percursos. Dubet (1994) e Guignon e

³¹ http://www.univ-paris8.fr/article.php3?id_article=454. Consultado em 15-06-2005.

³² Ver, por exemplo, *Staying or leaving the course: non-completion and retention of mature students in further and higher education*, NIACE, 1996.

Gruel (1999) referem, a propósito, que, quando se cruza a diversidade do mundo estudantil com a diversidade da oferta de formações, se constitui um universo complexo de difícil identificação. O “estudante médio”, ou a “cultura estudantil”, não existem de facto, sendo necessário observar, descrever e analisar as diversas categorias de estudantes, determinadas por condições de vida diferentes e diferentes formas de relação com o estudo. É nesta relação, mais do que nos factores “determinantes”, que se podem encontrar os elementos fulcrais de diferenciação das identidades estudantis. Daí que Felouzis (2001) apele à convergência dos estudos enquadrados na “sociologia dos estudantes” com os estudos integrados na “sociologia da universidade”, com o objectivo de melhor compreender a “caixa negra” da relação entre o estudante, o professor-investigador e a instituição de ensino superior.

As linhas de investigação influenciadas pela análise organizacional (Argyris & Schon, 1978, 1996; Senge, 1990; Felouzis, 2001, Musselin, 2001) evidenciam os factores pedagógicos e organizacionais que, em interacção, permitem compreender a incidência de fenómenos de insucesso e abandono em determinadas instituições e departamentos. Chamando a atenção para o facto de, no ensino superior, não ser possível a utilização do conceito de “valor acrescentado”, dado não haver exames nacionais de referência, Felouzis (2001) refere-se ao “efeito estabelecimento” para explicar por que razão, para estudantes de idênticos níveis sócio-económicos e culturais de origem e idênticos percursos no ensino secundário, as probabilidades de sucesso, na mesma área científica, variam tanto de instituição para instituição. Por isso se desenvolveu uma linha de investigação que procura estudar os efeitos do estabelecimento, das suas secções regionais e da deslocalização na democratização do sucesso no ensino superior.

Os estudos da eficácia das instituições escolares (Sammons, 2001) sublinham a importância de factores como a liderança forte e partilhada, os processos de desenvolvimento profissional, a implicação de alunos, docentes e restante pessoal na resolução dos problemas da instituição, a formação de uma “cultura de avaliação” e a monitorização permanente de processos e produtos, podem “fazer a diferença”, em termos de sucesso escolar, entre instituições com alunos de similares meios socio-económicos e culturais. As recomendações da *European Evaluation Association* (Reichert & Tauch, 2003), do OFSTED³³ e a própria elaboração dos guiões de auto-avaliação das instituições portuguesas de ensino superior³⁴ parecem ter por base este tipo de concepções de melhoria organizacional.

Os estudos americanos sobre o insucesso têm sido muito influenciados pelos trabalhos de Tinto, no âmbito da psicologia social. Segundo Tinto (1993) e os seus seguidores, as razões para explicar o fenómeno do abandono e insucesso no ensino superior prendem-se sobretudo com a motivação dos estudantes, a qual, por sua vez, é influenciada pela qualidade de ensino proporcionada pelas instituições académicas e pelo grau de satisfação dos estudantes com a vida universitária. A teoria “interaccionista” de Tinto (1993) explica que o abandono no ensino superior resulta de um processo de interacção entre os atributos, competências, disposições, recursos financeiros, experiências educativas anteriores de cada estudante e as suas vivência e experiências nos sistemas sociais e académicos da instituição em que se insere. As experiências positivas reforçam a persistência no curso; as experiências negativas ou a má integração contribuem para enfraquecer a motivação e o empenho para terminar o curso, levando ao abandono. Este, por sua vez, pode ser categorizado como insucesso académico ou saída voluntária,

³³ <http://www.ofsted.gov.uk/colleges/>. Consultado em 08-09-2005.

³⁴ http://www.fup.pt/admin/fup/docs/ca/Guiao_AE_Univ.pdf. Consultado em 08-09-2005.

sendo que, de acordo com a investigação realizada pelo autor, esta última categoria englobaria entre 75% e 85% dos casos.

Linhas de investigação nacional

Em Portugal, o problema do insucesso escolar no ensino superior tem sido estudado, nomeadamente, por investigadores na área da Sociologia e da Psicologia da Educação. Em 1998 foi criado, sob o impulso de Alberto Amaral, o Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior (CIPES)³⁵.

Apesar da afirmação anteriormente feita, segundo a qual a transformação do ensino superior em sério objecto de estudo se verificou apenas nas últimas décadas, não podemos deixar de referir o conjunto de estudos sobre a situação do ensino superior em Portugal, realizados em finais da década de 1960 e princípios da de 1970, coordenados por Sedas Nunes e realizados com a colaboração de autores como Pina Prata, Miller Guerra, Veiga Simão, Pinto Machado, Aguiar e Silva, Pereira de Moura, Paulo Cunha, Alfredo de Sousa, Leite Pinto, Mário Murteira, Isilda Branquinho, Rui Machete e Maria de Lourdes Belchior. Esses estudos permitiram enquadrar as políticas educativas centradas no desenvolvimento dos “recursos humanos” com vista ao aperfeiçoamento do “capital humano” nacional, levadas a cabo no período 1968-1973 (CODES, 1967; Sedas Nunes, 1968, 1969, 1970).

Nesses estudos é possível encontrar uma terminologia recorrente de diagnóstico de problemas e de proposta de soluções, num processo que António Nóvoa caracteriza

³⁵ <http://www.fup.pt/cipes/index.php>.

como de “estranha familiaridade” (Nóvoa, 2005): a “concepção e repercussões da educação permanente”, a “necessidade de encurtamento do tempo necessário à formação de um primeiro nível de graduados”, a “transformação dos métodos pedagógicos no Ensino Superior Moderno” (1968); a “baixa eficiência global do ensino superior português” (1969); “a crise da Universidade”, “as universidades tradicionais e a sociedade moderna”, “a “massificação” e as formas de acesso”, “os problemas da autonomia universitária”, “a feminização intensiva das Faculdades de Ciências”, “a pedagogia, essencialmente escolástica, que não exercita as capacidades inventivas dos estudantes”, “os cursos de licenciatura de ciclos longos”, “os problemas decorrentes da rápida obsolescência dos conhecimentos e da expansão e diversificação social da procura”, o facto de “cerca de dois terços dos estudantes que se matriculam” não concluírem o curso”, “as universidades formadas por meros somatórios de faculdades” (1970).

Os estudantes do ensino superior da década de 1960 foram caracterizados através do lançamento, em 1964, de um inquérito aos estudantes universitários, promovido pelas direcções gerais da Juventude Universitária Católica e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (CODES, 1967). Esse inquérito, a cargo de uma equipa dirigida por Sedas Nunes, concluiu, nomeadamente, que: i) o meio estudantil universitário revelava possuir uma “cultura própria relativamente homogénea”³⁶; 2) as atitudes da população masculina eram relativamente distintas da população feminina, sobretudo em questões envolvendo um julgamento social ou ético, mostrando-se os rapazes “mais objectivos e menos dependentes de opiniões tradicionais”; 3) a maioria dos universitários considerava “deficiente a preparação profissional e propunha um maior

³⁶ De notar as diferenças registadas nos estudos franceses da década de 1990 e nos estudos de J. Machado Pais referidos mais à frente.

contacto entre a escola e a vida” activa; 4) a vida associativa organizada ocupava “um lugar dominante no meio estudantil³⁷”; 5) a vida de estudo era caracterizada “por um forte individualismo”; 6) a grande maioria dos universitários vivia com a família; 7) as oportunidades de acesso à Universidade não só estavam concentradas “nas camadas de população económica e socialmente mais evoluídas”, como ainda se polarizavam espacialmente nas regiões que já beneficiavam de maior “progresso social”; 8) os estudantes revelavam uma “tendência para sobrevalorizar os aspectos puramente lúdicos ou recreativos da cultura”, com “aspirações intelectuais que se situavam numa mediania pouco exigente”; 9) os estudantes revelavam “um relativo desconhecimento ou desinteresse por questões concretas que hoje constituem o centro das preocupações mundiais”, mostrando-se, no entanto “sensíveis aos problemas que afectam a vida nacional, dando particular relevo entre estes à questão do Ultramar” (p. 437 – 443).

Depois de focarmos os principais temas de preocupação dos investigadores sociais da década de 1960 acerca do ensino superior em Portugal, traçamos de seguida uma panorâmica das linhas de investigação que se têm desenvolvido nos últimos anos (em Anexo, apresenta-se um quadro síntese das obras consultadas).

Estudos sobre o sucesso/insucesso escolar no ensino superior em Portugal (1996 – 2006)

Em 1997, Sérgio Grácio publicou *Dinâmicas de escolarização e das oportunidades individuais*, com o objectivo de apresentar um conjunto de estudos sobre as oportunidades de valorização dos agentes sociais na escola, no mercado de emprego e no espaço social, as relações de interdependência entre os universos escolar e socio-

³⁷ Esta é outra característica distinta da população estudantil actual, como se verá nas conclusões dos estudos citado mais à frente.

económico e os diversos factores que, em cada um deles, balizam a formação e a realização daquelas oportunidades. Nessa obra, dois capítulos referem-se explicitamente ao tema que nos preocupa: “Génese da estrutura da procura de ensino superior” e “Escola e género: a supremacia das raparigas” (Grácio, 1997). O autor concluiu, nomeadamente, que a conjuntura económica continuaria a ter consequências na oscilação da procura do ensino superior, também afectada pela estrutura do ensino secundário, e que a subestima de si, a competência relacional e a antecipação dos papéis profissionais e familiares podiam explicar os melhores resultados escolares alcançados pelas raparigas.

O estudo *Jovens Portugueses de Hoje. Resultados do inquérito de 1997*, patrocinado pela Secretaria de Estado da Juventude e coordenado por Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais, visou a apresentação dos resultados do primeiro Inquérito à população juvenil portuguesa (dos 15 aos 29 anos), contemplando quatro módulos principais: indicadores sociográficos, trabalho e emprego, conjugalidade e sexualidade, identidade nacional e cidadania europeia. O fenómeno do sucesso/insucesso no ensino superior foi abordado por Natália Alves e José Machado Pais.

No capítulo *Escola e trabalho. Atitudes, projectos e trajectórias*, que apresentou uma análise da forma como os jovens dos anos Noventa se relacionavam material e simbolicamente com o mundo da escola e o mundo do trabalho, Natália Alves referiu, nomeadamente, que, em 1997, o ensino superior se destacava como o principal objectivo a atingir pelos alunos e que ser estudante era o atributo predominante dos jovens entre os 15 e os 20 anos, situação que se alterava substancialmente a partir dos 21 anos. A condição de estudante encontrava-se directamente relacionada com a classe

social de origem e capital cultural dos pais. De entre os jovens que abandonavam o ensino superior, a percentagem dos que pensavam regressar era superior aos que não se importavam de ter abandonado. O insucesso escolar afectava sobretudo o universo masculino, o que poderia ser explicado, segundo os modelos culturalistas, pelo facto de as alunas revelarem maior mestria no desempenho das funções que lhes eram atribuídas, tirando partido da sua maior capacidade relacional; e também, segundo as teorias de acção, pelo facto de as alunas recorrerem a estratégias que, podendo ser caracterizadas como hiper-conformistas face à norma, se revelam muito adequadas para a obtenção dos resultados pretendidos a nível de rendimento escolar.

José Machado Pais foi responsável pelos capítulos *Da escola ao trabalho: O que mudou nos últimos 10 anos?*, onde se compararam os indicadores comuns aos Inquérito de 1987 e 1997, e *Grupos juvenis e modelos de comportamento em relação à escola e ao trabalho: Resultados de análises factoriais*, que apresentou o resultado de uma análise factorial de correspondências múltiplas, com selecção de modalidades, para a área da escola e formação, com o objectivo de constituir classes ou grupos com índices de sobre-representação que lhes conferissem alguma tipicidade. O autor concluiu, nomeadamente, que os estudantes portugueses evidenciavam cada vez maiores aspirações escolares, que a estrutura da sociedade portuguesa contemporânea era marcada por importantes fluxos de mobilidade social e que, por consequência, embora as teorias do *handicap* cultural e da reprodução social continuassem a explicar grande parte dos comportamentos juvenis face à escola e ao trabalho, não respondiam ao facto de uma parcela dos alunos do ensino superior, enquadrados nos grupos de “Jovens estudantes, satisfeitos e ambiciosos” e “Escolarizados, insatisfeitos com a escola,

apostados em ganhar dinheiro e conquistar a autonomia”, ser proveniente de famílias de escasso capital cultural (ensino preparatório, seis anos de escolaridade).

Ambos os autores comentaram o facto de os jovens revelarem um elevado grau de satisfação face à escola e de as razões individualistas, subjacentes à teoria dos *dotes*, predominarem nas explicações do insucesso escolar. Sublinharam, assim, o papel simbólico que a escola tem desempenhado na ocultação das suas responsabilidades, continuando a fazer crer que o insucesso é um problema de estrita responsabilidade individual.

José Tavares e Rui Santiago, da Universidade de Aveiro, organizaram, em 2000, a publicação *Ensino Superior. (In)Sucesso académico*, onde foram apresentados diversos projectos de investigação desenvolvidos em torno das questões: *Quais os principais factores de sucesso/insucesso dos alunos do ensino superior? Quais as melhores formas de intervenção para um maior sucesso?* A publicação incluiu textos, nomeadamente, de Isabel Alarcão, Maria do Ceú Taveira e dos investigadores dos pólos do Porto e de Aveiro do Projecto “Factores de sucesso/insucesso no 1º ano comum das licenciaturas em Ciências e Engenharia no Ensino Superior”, coordenado por José Tavares.

Isabel Alarcão propôs uma conceptualização dos fenómenos de insucesso/sucesso escolares em torno de quatro vertentes: aluno; currículo; professor e instituição, que se entrecruzam sob o enquadramento das ideologias, valores e preconceitos vigentes (pp. 13-23). Maria do Ceú Taveira abordou questões de adaptação e sucesso no ensino superior e apresentou estratégias de intervenção em estudantes do 1º ano. A autora concluiu, em termos gerais, que a população dos alunos do 1º ano da Universidade do

Minho integrava diversos grupos que diferiam nos modos como lidam com a inserção no ensino superior e que apresentavam necessidades específicas de apoio psicopedagógico, sendo importante promover intervenções em torno de programas integrados e não apenas em torno de serviços (pp. 51-72). Os investigadores do Projecto “Factores de sucesso/insucesso no 1º ano comum das licenciaturas em Ciências e Engenharia no Ensino Superior” (pp. 75-106; 109-131) identificaram e caracterizaram as influências existentes entre algumas variáveis do ajustamento e auto-regulação académicos em estudantes do 1º ano, tendo concluído, nomeadamente, que existe uma estreita relação entre os níveis de ajustamento académico, a abordagem ao estudo e as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas para auto-regulação das aprendizagens.

Dedicado ao tema ao *Sucesso e insucesso no ensino superior português*, o Conselho Nacional de Educação (CNE) realizou em 2002 um Seminário, de que destacamos as participações de José Madureira Pinto e Leandro de Almeida.

José Madureira Pinto referiu-se ao “sistema de ensino superior como instância de ensino/aprendizagem e de reconfiguração das sociabilidades juvenis” e apresentou alguns “subsídios para a operacionalização de modelos de análise sobre o insucesso académico” (pp. 126, 133) através do cruzamento de três atributos: origem social, trajectória escolar e projecto profissional. Citando outro estudo³⁸, apresentou quatro perfis tipológicos dos estudantes do ensino superior, que se referem aqui por servirem de complemento aos modelos propostos por J. Machado Pais: i) o “estudante vocacionado”, caracterizado pelo “cruzamento positivo do projecto profissional,

³⁸ Ana Paula Marques, “Antecipação do projecto profissional”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 21/22. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

vocação intelectual e pertença social”; ii) o “estudante centrado”, caracterizado por “uma visão estratégica de ascensão, ao articular uma vocação ajustada com um projecto profissional afirmado, de forma a atenuar as pertenças sociais debilitadas”; iii) o “estudante crítico”, que “apresenta uma relação positiva face à vocação e às pertenças sociais, sem, no entanto, definir com precisão o projecto profissional”; e iv) o “estudante de diploma”, caracterizado por “um não investimento no projecto profissional e na vocação, a que se associa uma relação tendencialmente instrumental, em termos de status e de garantia de emprego, com o diploma”.

Leandro de Almeida explicou o modelo desenvolvido na Universidade do Minho para estudar o fenómeno do insucesso escolar, apelidado de “Modelo de interacção das vivências, satisfação e realização académicas” e que integra: i) a dimensão da aprendizagem, onde interagem as variáveis do aluno (conhecimentos anteriores, capacidades intelectuais e cognitivas, auto-conceito e atribuições causais, métodos de estudo, capacidade de intervenção e estruturação da informação, atitudes em relação à aprendizagem) e as variáveis de contexto (imagem dos departamentos e instituições, concepções pedagógicas dos professores, envolvimento em actividades curriculares, organização de serviços de apoio psico-socio-educativo, organização e acesso aos dossiers pedagógicos, organização das componentes práticas dos cursos, distribuição do serviço docente, gestão pedagógica dos cursos, relação curso frequentado/ projecto vocacional); ii) a dimensão do ensino, onde interagem as variáveis do professor (competência pedagógica e científica, métodos de ensino, flexibilização curricular, nível de actualização da estrutura curricular dos cursos) e as variáveis do currículo (organização de actividades de desenvolvimento curricular, regularidade da avaliação dos programas); e iii) a dimensão da avaliação, que pressupõe que os alunos organizam

a aprendizagem consoante o tipo de avaliação definido (formação dos docentes em avaliação, grau de coerência entre os métodos de ensino e de avaliação, aproveitamento das avaliações dos professores e dos cursos pelos alunos).

A Universidade do Minho constituiu um Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem, tendo publicado, em 2001, vários estudos relacionados com a inserção institucional, o aproveitamento e a integração no mercado de trabalho dos seus alunos³⁹. Em 2004, foi apresentado o Relatório Final do projecto de investigação “Transição, adaptação e rendimento académico dos jovens do ensino superior”, coordenado por Leandro de Almeida, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e centrado nas experiências dos alunos do 1º ano. Este projecto apresentava como objectivos, entre outros, fazer a caracterização sociográfica dos alunos que ingressam na Universidade do Minho, avaliar as suas expectativas e motivações de ingresso, o seu grau de concretização no 1º ano e o seu impacto no sucesso académico, caracterizar os seus métodos de estudo e identificar factores de adaptação à universidade e dificuldades na transição para a vida activa. O estudo concluiu, em termos gerais, que o rendimento académico dos alunos do 1º ano da Universidade se encontrava associado especialmente à sua nota de ingresso no ensino superior. Outros factores, como as expectativas iniciais e os comportamentos de envolvimento nas actividades curriculares, vocacionais, institucionais e sociais acrescentavam contributos estatisticamente significativos à variância explicada. Esta explicação aplicava-se particularmente aos estudantes do sexo masculino, de Ciências e de Engenharia.

³⁹ *As lições dos aprendizes. As praxes académicas na Universidade do Minho*, de Rita Ribeiro; *Adaptação académica e rendimento escolar. Estudo com alunos universitários do 1º ano*, de Luísa Santos; *Vivências e percepções do estágio no ensino superior*, de Susana Aires; e *As asas do diploma. A inserção profissional dos licenciados pela Universidade do Minho*, de Albertino Gonçalves.

Em 2005, foi constituída a Rede de Investigação DADAES, em que participam investigadores de várias instituições, entre elas a Universidade de Lisboa, com enfoque nos processos de docência, aprendizagem, desenvolvimento e avaliação no ensino superior. De entre os objectivos desta rede, destacam-se: i) interligar investigadores nacionais e internacionais; ii) desenvolver projectos de investigação conjuntos; iii) incentivar a publicação dos trabalhos desenvolvidos; iv) desenvolver materiais; e v) construir conhecimento em contexto.

Concluímos, assim, que grande parte dos estudos realizados, a nível nacional, sobre os alunos do ensino superior, têm incidido no 1º ano do curso ou na integração na vida activa. O conjunto de estudos agora iniciado na Universidade de Lisboa incidirá sobre a análise longitudinal de percursos. Essa constituirá a nossa principal mais-valia para a construção de conhecimento sobre o ensino superior em Portugal.

Estudos realizados na Universidade de Lisboa

Os estudos até agora realizados na Universidade de Lisboa podem agrupar-se em duas categorias: estudos integrados, que visam sobretudo a caracterização dos alunos à entrada e à saída; e estudos efectuados por cada uma das Faculdades.

Na primeira categoria inclui-se o projecto desenvolvido em 1999 pelas Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação, Letras e Medicina, intitulado “Ser caloiro na Universidade de Lisboa”, que visava três objectivos: “1) caracterizar os estudantes que ingressam no 1º ano das Universidade em relação a algumas variáveis socioeconómicas, geográficas, de saúde, psicológicas e pedagógicas; 2) identificar necessidades e dificuldades e os principais factores associados; 3) inferir procedimentos de intervenção

que minimizem as dificuldades, respondam às necessidades e evitem situações de risco” (p. 5). O estudo revelou, nomeadamente, que a grande maioria dos alunos sentia dificuldades relacionadas com a gestão do tempo, se sentia perdida no meio da bibliografia a consultar e caracterizava os métodos de ensino como pouco variados, tornando as aulas monótonas. Na generalidade, todos estes factores se revelavam mais problemáticos para as raparigas do que para os rapazes. Os alunos mais novos eram claramente mais críticos relativamente aos professores, ao sistema de avaliação e ao ritmo acelerado das aulas, sendo também os que apresentavam atitudes mais positivas em relação às praxes e às tradições académicas.

Ainda na categoria de “estudos integrados”, destacam-se os dedicados às trajectórias académicas e de inserção profissional dos licenciados. O primeiro foi publicado em 2000 e estudou o percurso dos licenciados do quinquénio 1994-1998 (Alves, 2000). O segundo (Alves, 2005) refere-se ao quinquénio 1999-2003 e concluiu que, apesar das condições económicas tendencialmente desfavoráveis, os licenciados da Universidade de Lisboa apresentavam, em termos gerais, processos bem sucedidos de inserção profissional, visto acederem rapidamente ao primeiro emprego e exercerem as profissões para as quais foram preparados. Outra conclusão relevante, no seguimento do que já se concluíra no estudo anterior, foi que a origem social e o capital cultural dos pais não contribuía para explicar os processos de inserção na vida activa pós-universidade, sendo muito importantes, isso sim, para compreender os processos de selecção social que ocorriam no ingresso no ensino superior.

No período considerado, os diplomados pela Universidade de Lisboa foram maioritariamente mulheres, provenientes de famílias de reduzido capital cultural e com

reduzida mobilidade geográfica: Lisboa, Setúbal, Santarém. A maioria frequentara o curso que escolhera como primeira opção (73,4%, por comparação com os 83% do estudo anterior), sendo a classificação média de licenciatura de 14,1 valores. A maioria dizia-se satisfeita com a preparação académica obtida no curso frequentado (70%, por comparação com os 76% do estudo anterior), embora o nível de preparação para a vida activa fosse avaliado com um menor grau de satisfação (49%, por comparação com os 51% do estudo anterior). Apenas cerca de metade dos diplomados continuava a manter contactos com a Faculdade onde se licenciara. Apenas dez por cento participara em programas de mobilidade transnacional. Sete por cento dos respondentes residiam fora do país, um grande crescimento face ao inquérito anterior (1,2%), o que parece enquadrar-se nas conclusões de um estudo recentemente divulgado, realizado pelo Banco Mundial⁴⁰, segundo o qual os licenciados portugueses se destacavam na Europa pela procura de emprego no estrangeiro. O número de diplomados inscritos em programas de pós-graduação cresceu nos dois períodos em causa de 36% para 47%.

Havia um peso relativamente elevado de oriundos de famílias detentoras de diplomas de nível superior, sendo os cursos de Medicina, Biologia, Bioquímica e Medicina Dentária aqueles onde maior era a percentagem de descendentes de quadros superiores e profissões científicas e intelectuais; na situação inversa encontravam-se os licenciados dos cursos de Geografia, História, Línguas e Literaturas, Física e Ciências da Educação, onde mais de metade dos pais possuía uma escolaridade igual ou inferior ao 2º ciclo, com mais de um quarto dos diplomados provenientes de famílias de operários. Dez por cento dos inquiridos encontrava-se em situação de desemprego, por comparação com os 9% do estudo anterior.

⁴⁰http://econ.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64165259&theSitePK=469372&piPK=64165421&menuPK=64166322&entityID=000012009_20051021094619. Consultado em 04-11-2005.

No que respeita aos estudos efectuados por cada uma das Faculdades, destacamos o realizado pela Faculdade de Ciências sobre a inserção profissional dos seus licenciados, *Avaliação do percurso profissional dos licenciados dos últimos cinco anos (1998-2002) da FCUL* (Marques e Nunes, 2003); o realizado em 2001, *Os percursos escolares e profissionais dos estudantes e licenciados pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. 1980 – 2000*, coordenado pela Professora Helena Rebelo Pinto; o publicado pela Faculdade de Medicina, dedicado à definição das competências nucleares dos seus licenciados, *O licenciado médico em Portugal. Core graduates learning outcomes project*. (Victorino, Jolie e McKimm, 2005); e o trabalho efectuado pelos alunos do 5º ano dos cursos de Design da Comunicação e Design de Equipamento, da Faculdade de Belas-Artes, *Manual de sobrevivência para o recém-licenciado* (Marques *et al*, 2001), o qual, para além da caracterização das áreas dos cursos, dá informações sobre formação pós-licenciatura e vias de inserção profissional.

Conclui-se, assim, que a maior parte dos estudos efectuados na Universidade de Lisboa teve como enfoque a integração dos estudantes do 1º ano ou as trajectórias académicas e profissionais dos seus licenciados. Nota-se a ausência de estudos longitudinais que, levando à organização de um observatório de percursos estudantis, permita desenvolver estudos quantitativos e/ou qualitativos sobre trajectórias de sucesso, insucesso ou abandono.

4. Aproveitamento escolar e taxas de diplomação na Universidade de Lisboa

O Quadro 2 apresenta, para a Universidade de Lisboa, a evolução dos alunos inscritos e diplomados nos cursos de licenciatura/bacharelato, permitindo verificar a diminuição dos primeiros e o acréscimo dos segundos.

Quadro 2
Evolução dos alunos inscritos pela 1ª vez e dos diplomados na Universidade de Lisboa – 1999-2004

Faculdades	Alunos inscritos pela 1ª vez						Alunos diplomados					
	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	
Letras	1193	1114	997	1053	1020	932	429	457	515	558	503	
Letras (Ramo Educ)	178	274	258	232	215	151	299	231	206	188	202	
Direito	630	659	604	639	627	606	476	531	482	499	384	
Medicina	159	184	223	241	247	334	146	146	110	127	168	
Ciências	986	1092	963	807	701	679	408	500	523	544	614	
Farmácia	196	224	250	257	252	267	167	148	138	137	114	
FPCE	182	199	207	181	219	213	155	170	142	142	146	
Belas-Artes	214	212	212	206	216	200	94	38	129	124	123	
Medicina Dentária	50	72	129	149	154	138	35	52	48	44	65	
TOTAL	3788	4030	3843	3765	3651	3520	2209	2273	2293	2363	2319	

Fonte: MCIES, DIMAS

O Quadro 3 retrata, para o ano de 2004-05 e por Faculdade/Programa de Formação, o volume total de inscrições, reingressos, transferências, mudanças de curso e diplomas de licenciatura/ bacharelato atribuídos.

Quadro 3
Inscrições, transferências, mudanças de curso (2004-2005) e diplomações (2003-04) na Universidade de Lisboa, por Faculdade e Programa de Formação

Faculdade/Programa (duração em anos)	Total de alunos inscritos	Reingressos / Transferências/ Mudança de curso	Diplomados			
			n anos	n+1 anos	n+2 anos	+ de n + 2 anos
FACULDADE DE LETRAS						
Arqueologia e História (4)	216	4	12	0	0	0
Filosofia (4)	295	6	9	10	2	5
Filosofia – Formação Educativa (2)	20	-	16	0	0	0
Estudos Europeus (4)	238	0	15	2	6	0
Geografia e variantes (4)	499	12	1	38	12	9
Ensino da Geografia (5)	71	2	1	11	12	0
História (4)	329	12	29	9	2	3

História – Variante História de Arte (4)	37	-	9	10	2	1
História – Variante História de Arte – Formação Educacional (2)	3	-	3	0	0	0
História da Arte e Património (4)	136	8	-	-	-	-
História – Formação Educacional (2)	25	-	15	1	0	0
Língua e Cultura Portuguesa – LE (4)	253	3	26	4	6	0
Línguas e Literaturas Clássicas (4)	78	4	17	2	3	1
Línguas e Literaturas Clássicas – Formação Educacional (2)	34	-	21	1	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Alemães (4)	20	-	0	1	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Alemães – Formação Educacional (2)	4	-	2	0	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Espanhóis (4)	15	-	0	2	1	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Espanhóis – Ramo Educacional (2)	8	-	0	1	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Ingleses (4)	143	6	7	10	1	3
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Ingleses – Formação Educacional (2)	33	-	9	2	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses e Italianos (4)	7	-				
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Alemães (4)	159	5	22	21	2	5
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Alemães – Formação Educacional (2)	33	-	25	3	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses (4)	157	1	20	7	3	2
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses – Formação Educacional (2)	63	-	28	0	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Alemães (4)	37	1	3	4	2	3
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Alemães - Formação Educacional (2)	10	-	2	0	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Espanhóis (4)	9	-	0	3	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Espanhóis – Formação Educacional (2)	6	-	5	4	2	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Franceses (4)	147	3	18	9	3	3
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Franceses –						

Formação Educacional (2)	52	-	24	3	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Ingleses (4)	267	11	17	15	7	5
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Ingleses – Formação Educacional (2)	61	-	31	1	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Italianos (4)	5	-	0	0	0	1
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Italianos – Formação Educacional (2)	1	-	2	0	0	0
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Espanhóis (4)	56	0	-	-	-	-
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Alemães (4)	40	0	-	-	-	-
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Espanhóis (4)	45	2	-	-	-	-
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Franceses (4)	57	0	-	-	-	-
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses (4)	80	5	-	-	-	-
Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Italianos (4)	31	0	-	-	-	-
Linguística (4)	132	4	3	5	0	0
Estudos Africanos (4)	87	0	7	6	0	0
Tradução (4)	113	6	-	-	-	-
Artes do Espectáculo (4)	93	0	-	-	-	-
Comunicação e Cultura (4)	110	4	-	-	-	-
FACULDADE DE DIREITO						
Direito (5)	3447	112	288	51	22	23
FACULDADE DE MEDICINA						
Medicina (6)	1373	0	136	7	6	10
Dietética e Nutrição (4)	20	-	-	-	-	-
Microbiologia (4)	38	-	-	-	-	-
FACULDADE DE CIÊNCIAS						
Biologia (4)	98	-	2	17	5	3
Biologia Aplicada aos Recursos Animais (5)	38	-	21	3	1	0
Biologia e Geologia (Ensino), variante Biologia (5)	36	1	13	1	2	8
Biologia e Geologia (Ensino), variante Geologia (5)	66	1	10	7	6	4
Biologia Vegetal Aplicada (5)	7	-	6	1	1	0
Biologia Microbiana e Genética (4)	105	1	3	23	6	0
Bioquímica (5)	230	4	25	7	3	5
Ciências Geofísicas (5)	106	2	5	2	3	7
Engenharia Física (5)	113	2	4	0	3	5
Física e Química (Ensino), variante Física (5)	79	3	7	8	5	6
Física e Química (Ensino), variante Química (5)	151	1	20	9	4	9
Engenharia da Linguagem e do Conhecimento (4)	12	-	3	0	0	0
Engenharia Geográfica (5)	24	0	1	6	3	12
Engenharia Geográfica : Ramo Geoinformática	5	-	-	-	-	-

Engenharia Geográfica: Ramo Cartografia e Geodesia	97	-	-	-	-	-
Estatística e Investigação Operacional + Probabilidades e estatística (5)	258	2	11	7	8	7
Física (4)	57	5	4	1	3	8
Física: Ramo: Física	65	-	-	-	-	-
Física: Ramo Astronomia e Astrofísica	19	-	-	-	-	-
Física: Ramo Física Computacional	12	-	-	-	-	-
Geologia Aplicada ao Ambiente (5)	136	3	4	3	3	2
Informática (4)	589	25	24	40	15	25
Informática: Perfil – Arquitecturas, Sistemas e Redes de Computadores	87	-	-	-	-	-
Informática: Perfil – Engenharia da Linguagem e do Conhecimento	29	-	-	-	-	-
Informática: Perfil – Sistemas de Informação	140	-	-	-	-	-
Matemática (4)	128	8	4	3	1	4
Matemática (Ensino) (5)	300	11	10	10	11	13
Química (4)	93	1	2	11	9	3
Química Tecnológica (5)	87	-	28	9	6	5
Quim + Quim Tec+ Ensino Física e Química, variante Química	118	7	-	-	-	-
Biologia Ambiental	142	2	-	-	-	-
Biologia Celular e Biotecnologia	54	-	-	-	-	-
Energia e Ambiente	44	5	-	-	-	-
Geologia e Recursos Naturais	77	1	-	-	-	-
Biologia+Biotecnologia+Bio Ambiente+ Genética+ Biol (Ensino)	427	23	-	-	-	-
Geologia + Geo Aplicada Ambiente + Ens Geologia (4,5)	219	5	3	6	4	2
FACULDADE DE FARMÁCIA						
Ciências Farmacêuticas (5 + estágio 1 ano = 6 anos)	1313	47	87	16	3	8
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO						
Psicologia (5)	740	41	77	23	8	3
Ciências da Educação (5)	226	12	30	3	2	0
FACULDADE DE BELAS-ARTES						
Belas-Artes – Pintura (4)	55	15	-	-	-	-
Artes-Plásticas-Pintura (5)	296	17	18	17	10	1
Belas-Artes – Escultura (4)	46	5	-	-	-	-
Artes Plásticas –Escultura (5)	136	7	5	5	3	0
Belas-Artes – Design da Comunicação (4)	64	22	-	-	-	-
Design da Comunicação (5)	337	24	18	17	4	2
Design de Equipamento (5)	205	11	13	4	2	0
Belas-Artes – Design de Equipamento (4)	45	10	-	-	-	-
Belas Artes – Arte e Multimédia (4)	28	0	-	-	-	-
FACULDADE DE MEDICINA DENTÁRIA						
Medicina Dentária (6)	388	86	35	9	1	1
Higiene Oral (3)	90	4	10	-	-	-
Prótese Dentária (3)	64	7	9	-	-	-
TOTAIS						
Faculdade de Letras	4315	99	399	185	66	41
Faculdade de Direito	3447	112	288	51	22	23
Faculdade de Medicina	1431	0	136	7	6	10
Faculdade de Ciências	4248	113	210	174	102	128

Faculdade de Farmácia	1313	47	87	16	3	8
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	965	53	107	26	10	3
Faculdade de Belas-Artes	1212	111	54	43	19	3
Faculdade de Medicina Dentária	542	97	54	9	1	1
UNIVERSIDADE DE LISBOA	17473	632	1335	511	229	217

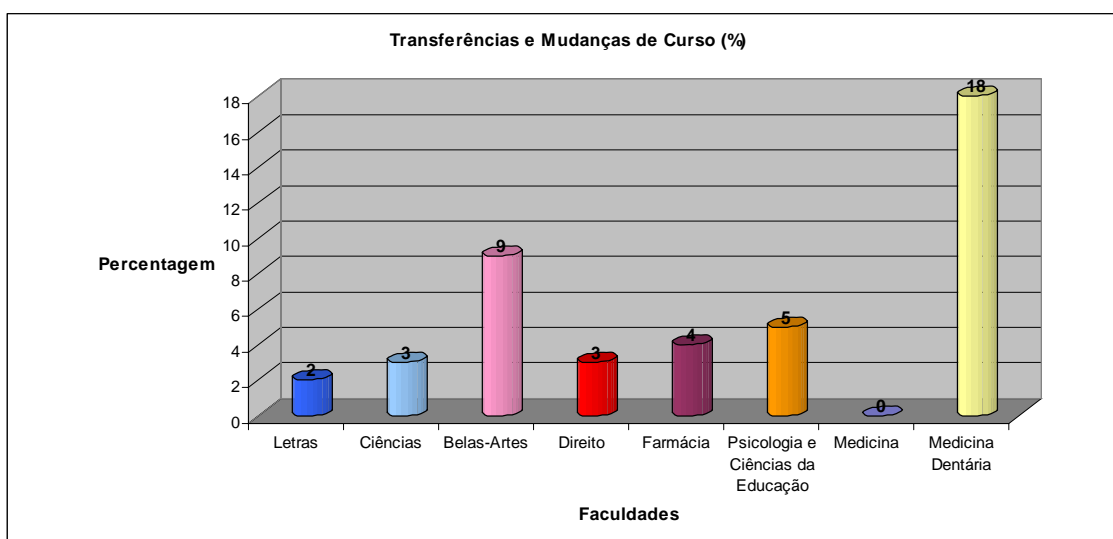
Nota: Entre parêntesis encontra-se a duração de cada curso, em anos.

Fonte: MCIES – DIMAS, Inquéritos 2004-05

A leitura deste longo quadro permite, em primeiro lugar, concluir que a Universidade de Lisboa oferece uma grande quantidade de cursos de licenciatura/bacharelato - o que se deve, em parte, à sobreposição no tempo de programas de currículo antigo com programas de currículo reorganizado - com destaque para as Faculdades de Letras e Ciências, por contraste com Direito e Farmácia.

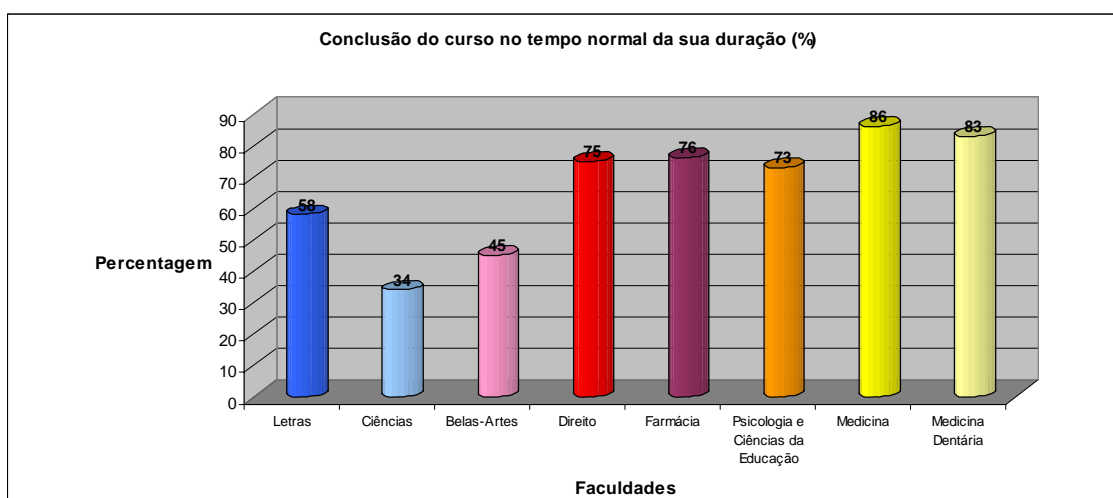
Em segundo lugar, que existe um volume razoável de estudantes que, estando inscritos num curso, pedem transferência ou mudança de curso (Gráfico 1), sobretudo nas Faculdades de Medicina Dentária e Belas-Artes, mas também em Psicologia e Ciências da Educação, Farmácia, Direito, Ciências e Letras, o que reflecte estratégias particulares de integração académica, podendo também denotar uma certa desorientação vocacional e/ou frustração académica, que importaria estudar melhor.

Gráfico 1 – Percentagens de transferências e mudanças de curso, por Faculdade



De notar, por fim, que 58% dos alunos terminam o curso no prazo previsto, 22% o terminam em mais 1 ano e 10% o fazem em mais 2 anos (Gráfico 2). Dez por cento dos alunos demoram mais de dois anos do que o tempo normal de duração. O Gráfico 2 revela serem as Faculdades de Ciências e Belas-Artes aquelas onde é mais difícil a conclusão do curso no prazo previsto, por contraste com as Faculdades de Medicina e Medicina Dentária, que apresentam elevadas taxas de diplomação no tempo previsto.

Gráfico 2 – Percentagem de conclusões de curso no tempo normal da sua duração, por Faculdade



O insucesso escolar, encarado do ponto de vista integrado de elevadas taxas de abandono e reprovação e reduzidas taxas de diplomação, parece ser um problema recorrente das Faculdades de Ciências, Letras e Belas-Artes, o qual já fora anteriormente identificado nas estatísticas DIMAS e nos relatórios de auto-avaliação e de avaliação externa.

Na Faculdade de Ciências, há referências explícitas a estes problemas nos relatórios de avaliação externa dos cursos de Geologia, Ciências Geofísicas, Engenharia Geográfica, Matemática, Bioquímica, Biologia, Química Tecnológica, Física e Probabilidades e Estatística/Investigação Operacional. Na Faculdade de Letras, a reduzida taxa de diplomação, o volume de desistências e as reprovações nos primeiros anos foram identificados nos cursos de Filosofia, História-Arqueologia, Geografia e Linguística. Em Belas-Artes, segundo os dados DIMAS 2001, dos 38 alunos que se diplomaram nesse ano, 50% demoraram, pelo menos, mais dois anos a terminar o curso. Essa situação era similar nos 4 cursos então vigentes: Artes Plásticas – Pintura e Escultura; Design da Comunicação e do Equipamento.

As próximas secções debruçam-se sobre os factores que poderão contribuir para a compreensão dos dados de sucesso/insucesso na Universidade de Lisboa.

5. Factores de sucesso e insucesso na Universidade de Lisboa

De acordo com a literatura atrás revista, o sucesso/insucesso no ensino superior resulta de uma combinação variável de factores de âmbito individual, institucional e de contexto.

Factores de contexto

No estudo *Trajectórias Académicas e de Inserção Profissional dos Licenciados da Universidade de Lisboa 1999-2003* (Alves, 2005, pp. 34-35), a composição social dos diplomados da Universidade de Lisboa foi definida como “maioritariamente provenientes das classes sociais que ocupam os lugares de topo na hierarquia social”. Existiam, contudo, algumas diferenças quando se agrupavam os cursos por Faculdade, com percentagens elevadas de oriundos da grande e média burguesia nos cursos de Medicina, Biologia, Bioquímica, Engenharias, Farmácia e Medicina Dentária, encontrando-se os provenientes do salariedade manual mais representados nos cursos de Geografia, Línguas e Literaturas e Geologia. Os estudos efectuados anteriormente (Alves, 2000; Estrela, 1999; Pinto, 2001) caracterizavam, para os seus universos específicos, realidades semelhantes.

Trata-se, pois, de um factor de contexto que poderá ser encarado como “ponto forte” ou “alavanca” para a promoção de trajectórias de sucesso dos alunos da Universidade de Lisboa.

Factores individuais de sucesso/insucesso

O percurso dos alunos no ensino secundário, o grau de prioridade de selecção do curso/instituição e as suas expectativas iniciais foram os factores considerados nesta secção.

Percurso no ensino secundário e prioridade de selecção do curso/instituição

Na Universidade de Lisboa, grande parte dos alunos encontra-se em cursos de primeira opção, com notas de ingresso médias ou elevadas. O Quadro 4 apresenta, para cada Faculdade, a evolução da percentagem de candidatos colocados em 1ª opção, em relação ao total dos alunos colocados na 1ª fase, e da nota média de ingresso do último colocado, entre 2000/01 e 2005/06. De notar que a nota mínima de ingresso é um indicador que contribui menos para a compreensão do fenómeno em estudo do que a nota média de ingresso. Utilizamo-lo por ser o que se encontra disponível nas bases de dados fornecidas pela Direcção-Geral de Ensino Superior. Como referimos na introdução, pretendemos que um dos resultados deste estudo seja apresentação de um conjunto de indicadores que contribuam, de forma melhor do que os actualmente disponíveis, para a caracterização e compreensão dos fenómenos de sucesso, repetição e abandono no ensino superior.

Quadro 4
Evolução da percentagem de alunos colocados em 1ª opção no concurso geral de acesso em relação ao total de alunos colocados (1ª fase) e da nota média de ingresso do último colocado, por Faculdade – Universidade de Lisboa: 2000/01 – 2005/06

Faculdade	2000-01	2001-02	2002-03	2003-04	2004-05	2005-06
Letras						
1ªopção (%)	59,8	58,8	58,3	57,2	67,5	67,0
Nota mínima	12,0	11,9	12,3	11,9	11,8	11,6
Direito						
1ªopção (%)	78,6	79,1	80,4	74,6	90,4	83,6
Nota mínima	13,6	13,6	13,7	13,4	12,6	13,0
Medicina						
1ªopção (%)	79,0	78,4	88,0	75,3	58,2	59,8
Nota mínima	18,3	18,5	18,4	18,2	16,3	17,6
Ciências						
1ªopção (%)	49,3	60,7	59,6	58,9	67,7	66,5
Nota mínima	12,1	11,4	12,2	12,3	11,7	11,9
Farmácia						
1ªopção (%)	40,5	47,1	31,6	49,0	48,8	34,9
Nota mínima	16,6	16,8	16,8	16,3	16,1	16,9
FPCE						
1ªopção (%)	60,6	52,5	51,7	56,8	50,7	42,6
Nota mínima	14,8	14,2	14,4	13,6	13,0	12,4
Belas-Artes						
1ªopção (%)	66,0	57,5	63,9	61,5	66,5	64,3
Nota mínima	16,1	16,3	15,5	15,8	15,3	15,9

Med. Dent						
1ª opção (%)	0,0	3,5	14,0	12,9	20,2	12,3
Nota mínima	17,7	14,6	15,5	15,3	15,1	15,0
Univ. Lx						
1ª opção (%)	59,8	61,3	61,7	60,2	66,3	62,4
Nota mínima	15,2	14,7	14,8	14,6	14,0	14,3

Fonte: Universidade de Lisboa, Reitoria, Direcção de Serviços Académicos, Divisão de Alunos

O quadro mostra a existência, em praticamente todas as Faculdades, de uma percentagem significativa de alunos que não entra no curso/instituição de 1ª opção. Esta situação é mais evidente nas Faculdades de Medicina Dentária, Farmácia e Psicologia e Ciências da Educação, onde a percentagem ultrapassa os cinquenta por cento. Seria importante desenhar estratégias específicas para fazer face aos problemas interligados de desorientação vocacional e de frustração de expectativas dos alunos que ingressam em cursos que não constituíram a sua primeira opção.

Mesmo quando as médias de ingresso são elevadas e os alunos ingressam em curso de 1ª opção, parece ser generalizada a opinião de que os alunos vêm mal preparados do ensino secundário. Tal aparece explicitamente referido nos relatórios de avaliação dos cursos das Faculdade de Letras, Ciências e Farmácia. Até nas Faculdades de Medicina e Direito foi detectada “insuficiente formação básica”, levando à dificuldade de adaptação ao ensino superior por parte de alguns alunos, no 1º caso, e à consideração do 1º ano como ano propedêutico, no segundo. A excepção acontece nos cursos de Informática, Biologia Microbiana e Genética, Bioquímica, da Faculdade de Ciências, onde os avaliadores referem a elevada qualidade dos alunos à entrada.

Há cursos cuja redução da procura aparece como preocupante aos olhos dos avaliadores. É o caso de algumas licenciaturas da Faculdade de Ciências e das licenciaturas em

Psicologia e em Ciências da Educação, cuja diminuição da procura foi atribuída ao decréscimo demográfico e ao elevado acréscimo da oferta por instituições privadas.

Os cursos com alunos colocados em outras opções que não a primeira são aqueles onde as expectativas dos mesmos aparecem mais frustradas. Casos particulares de expectativas frustradas verificam-se nos cursos que preparam para a docência, onde, em virtude da diminuição do número de vagas nos estabelecimentos de ensino público formal, os candidatos recém-formados vêm não cumpridas as promessas de emprego certo.

Factores institucionais de sucesso/insucesso

As formas de apoio aos alunos, a clareza dos objectivos dos diversos programas de formação, a preparação científica e pedagógica dos docentes, os processos de inserção na vida activa e as opiniões de diplomados e empregadores face à adequação da formação ao exercício da actividade profissional, e as condicionantes da concretização de uma “cultura de qualidade” foram os factores observados nesta secção.

Formas de integração dos alunos do 1º ano e serviços de apoio aos alunos

O Quadro 5 apresenta, para este ponto, um resumo dos “pontos fortes” e das “recomendações de melhoria” constantes, sobretudo, dos relatórios de avaliação externa consultados, mas também das reformulações resultantes dos processos de auto-avaliação e de avaliação externa que entretanto decorreram.

Quadro 5

Formas de integração dos alunos do 1º ano; detecção e acompanhamento de situações problemáticas; serviços de apoio aos alunos da Universidade de Lisboa: pontos fortes, pontos fracos e recomendações de melhoria

Faculdade	Pontos fortes	Pontos fracos e recomendações de melhoria
Letras	<p>Organização de um sistema de mentorado, pilotado em dois Departamentos, em que alunos mais velhos, que recebem formação para o efeito, acompanham a integração dos caloiros no 1º semestre.</p> <p>Certos Departamentos têm prevista a figura de “conselheiro de curso”, para dar apoio aos alunos na escolha do seu percursos académico.</p> <p>Nos cursos mais recentes, interdepartamentais, a responsabilidade de integração dos alunos encontra-se a cargo de um único departamento, cujo coordenador (ou seu delegado) desempenha o papel de supervisor do aluno principiante.</p> <p>Existe um Gabinete de Apoio ao Aluno, organizado em três vertentes: Relações Externas, Orientação e Integração Profissional e Apoio ao Aluno.</p>	<p>Reforço do aconselhamento curricular.</p> <p>Informação aos alunos na altura das matrículas.</p> <p>Acompanhamento dos alunos para diminuir a sucessão de desistências.</p> <p>Articulação com o ensino secundário.</p> <p>Utilização de uma acção pedagógica mais formativa do que informativa para combater o absentismo dos alunos.</p> <p>Organização de uma comissão de acompanhamento dos casos mais problemáticos de retenção e abandono, a fim de estudar eventuais dificuldades de adaptação ao ensino superior.</p> <p>Turmas menos numerosas, que permitam um melhor acompanhamento e integração dos alunos na cultura do curso e do departamento.</p> <p>Redução da carga horária semanal.</p> <p>Eliminação da sobreposição das cadeiras nos horários dos alunos.</p> <p>Maior apoio e eficiência dos serviços de acção social.</p>
Direito	<p>A Associação Académica desempenha um papel importante na integração dos alunos do 1º ano e na integração profissional dos recém-licenciados.</p> <p>A Faculdade está a estudar a criação de um Gabinete de Apoio ao Aluno.</p>	

Direito (cont.)	<p>Criação de um sistema de apoio aos alunos timorenses, para suprir dificuldades relacionadas com a utilização do português jurídico.</p> <p>Existe um Gabinete de Inserção na Vida Activa, também responsável pela organização de cursos de pós-graduação e outros eventos.</p>	
Medicina	<p>Relação de tutoria existente no 6º ano.</p> <p>Os recém-licenciados ingressam directamente no Serviço Nacional de Saúde.</p>	<p>Criação das condições desejáveis para o necessário apoio social.</p> <p>Criação de um Gabinete de Apoio ao Aluno, para analisar e suportar os alunos que manifestam dificuldades de integração no ensino superior.</p>
Ciências	<p>Um Departamento implantou, em colaboração com a Gabinete de Apoio Psicológico (GAPSI) um regime de mentorado para os alunos do 1º ano.</p> <p>Certos cursos organizam o atendimento pedagógico aos alunos, existindo também mecanismos departamentais de orientação dos alunos na inscrição das disciplinas obrigatórias e de opção.</p> <p>Certos cursos dispõem de um Secretariado ou Coordenador que selecciona temas e locais para a realização de estágios profissionalizantes.</p> <p>Existe um Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais – Unidade de Inserção na Vida Activa (UNIVA) e um Gabinete de Apoio Psico-Pedagógico (GAPSI), que presta apoio clínico diário e cujo âmbito de intervenção é a avaliação psicológica e de aconselhamento, a acção psicológica remediativa, a promoção do desenvolvimento pessoal e académico e o apoio específico à população com necessidades educativas especiais</p>	<p>Turmas menos numerosas, que permitam um melhor acompanhamento e integração dos alunos na cultura do curso e do departamento.</p> <p>Promoção de sistemas de tutoria.</p> <p>Reforço da figura de “coordenador de curso” para exercer funções de acompanhamento dos alunos, detecção de problemas e procura de soluções, em conjunto com o Departamento.</p> <p>Orientação da flexibilização de escolha de opções em concordância com os interesses dos alunos.</p> <p>Implementação de um regime de precedências.</p> <p>Realização de estudos que permitam compreender as razões das reprovações superiores à média e conhecer os percursos pós-Faculdade dos alunos que abandonaram.</p> <p>Melhorar a organização e gestão pedagógica e as condições de trabalho de certos cursos.</p>
Farmácia	<p>Vai ser organizado um sistema de apoio psicológico aos alunos do 1º ano e em estágio, os dois momentos mais críticos da formação.</p> <p>Existe um Gabinete de Apoio aos Estágios Profissionalizantes.</p>	<p>Apoio suplementar pelos docentes aos alunos com mais dificuldades</p> <p>Mais atenção e assistência às orientações vocacionais.</p> <p>Identificação precisa do número de transferências, a fim de se obter um retrato mais preciso do insucesso na Faculdade.</p>

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	<p>Existe um Gabinete de Apoio à Comunidade, a que podem recorrer alunos, professores e elementos extra-Universidade.</p> <p>O Gabinete UNIVA foi transformado em Gabinete de Apoio ao Aluno, encontrando-se em vias de reformulação.</p>	<p>Melhorar o apoio social e a integração dos alunos na vida associativa e académica, sobretudo nos primeiros anos.</p> <p>Reorganizar os estágios, de modo a que constituam um momento relevante de exploração das oportunidades de emprego.</p>
Medicina Dentária	<p>Vai ser organizado um sistema de acompanhamento/tutoria, em que um professor mais jovem acompanha 10 alunos</p> <p>Vai ser organizado um gabinete de apoio ao aluno, onde esses professores-tutores desempenharão um papel de relevo.</p> <p>A Associação de Estudantes desempenha um papel importante na integração dos alunos do 1º ano.</p>	<p>Criação de um Gabinete de Acompanhamento dos Licenciados, para os apoiar na inserção na vida activa.</p>
Belas-Artes	<p>Está instituído, desde há dois anos, um sistema semestral de recolha de dados sobre o insucesso, para identificar os alunos que abandonam o curso faltando-lhes concluir apenas uma ou duas cadeiras.</p> <p>A Unidade de Integração na Vida Activa (UNIVA) transformou-se em 2005 num Gabinete de Apoio ao Aluno.</p>	<p>O último relatório de avaliação externa ainda não foi tornado público.</p>

Sintetizando a informação apresentada, as estruturas de apoio aos alunos, designadamente os Gabinetes de Apoio e os Gabinetes de Estágios e Saídas Profissionais foram consideradas pelos avaliadores como aspectos positivos organizacionais nas Faculdades em que existiam, recomendando-se a sua criação naquelas onde as mesmas eram inexistentes. Outras experiências consideradas positivas têm a ver com a organização de mecanismos departamentais e de sistemas de mentorado e/ou de tutoria para acompanhar a inserção dos alunos e as suas escolhas curriculares. Certas Faculdades capitalizam a intervenção das respectivas Associações de Estudantes no processo de inserção dos alunos do 1º ano e de posterior integração na vida activa.

Para além das recomendações já citadas, os avaliadores aconselharam, sobretudo, o reforço do aconselhamento curricular, a melhoria dos processos de informação aos alunos na altura das matrículas, a instituição de formas de acompanhamento que permitissem diminuir o volume do abandono, o estudo de formas de articulação com o ensino secundário, por um lado, e com o mundo do trabalho, por outro. Outras recomendações incidiram sobre a organização de turmas menos numerosas, que permitissem um melhor acompanhamento e integração dos alunos na cultura de cada curso e departamento, a redução da carga horária semanal, a eliminação da sobreposição das cadeiras nos horários dos alunos, a criação das condições desejáveis para o necessário apoio social, a integração dos alunos na vida associativa e académica e um maior cuidado na organização dos processos de aconselhamento e orientação vocacional. Foi ainda referida a necessidade de melhorar a organização e gestão pedagógica e as condições de trabalho de certos cursos, utilizar de uma acção pedagógica mais formativa do que informativa para combater o absentismo dos alunos,

organizar o acompanhamento dos casos mais problemáticos de retenção e abandono, a fim de estudar eventuais dificuldades de adaptação ao ensino superior e realizar estudos que permitissem compreender as razões de níveis de reprovação superiores à média e conhecer os percursos pós-Faculdade dos alunos que abandonaram.

Clareza dos objectivos dos programas de formação

O Quadro 6 apresenta, para este ponto, um resumo dos “pontos fortes” e das “recomendações de melhoria” constantes, sobretudo, dos relatórios de avaliação externa consultados, mas também das reformulações resultantes dos processos de auto-avaliação e de avaliação externa que entretanto decorreram.

Quadro 6

Clareza dos objectivos de formação dos cursos da Universidade de Lisboa: pontos fortes, pontos fracos e recomendações de melhoria

Faculdade	Pontos fortes	Pontos fracos e recomendações de melhoria
Letras	<p>Planos de estudo de certos cursos concebidos com rigor.</p> <p>Flexibilidade na articulação disciplinar de alguns cursos.</p> <p>Colaboração com outras licenciaturas e criação de cursos interdepartamentais.</p> <p>Manutenção de extensões universitárias na periferia.</p> <p>Expansão da oferta de novos cursos, com consequências no acréscimo dos alunos inscritos.</p>	<p>Maior esforço de coordenação científica e pedagógica, horizontal e vertical.</p> <p>Maior flexibilização curricular em certos cursos, com adaptação ao espírito da “semestralização”.</p> <p>Maior relação ensino-investigação.</p> <p>Diminuição do peso das cadeiras teóricas.</p> <p>Reforço das práticas de trabalho de grupo, reflexão e espírito crítico.</p> <p>Intensificação da informatização de apoio ao ensino e à investigação.</p>
Ciências	<p>Objectivos de formação de certos cursos bem definidos.</p> <p>Utilização das recomendações de anteriores avaliações para melhor a oferta curricular.</p>	<p>Flexibilização dos planos curriculares de certos cursos.</p> <p>Inclusão de mais disciplinas de opção em alguns cursos.</p> <p>Diferenciação dos perfis de formação.</p> <p>Eliminação de sobreposições e lacunas curriculares.</p> <p>Maior envolvimento de alunos e empregadores no processo de desenvolvimento curricular.</p> <p>Melhor adequação dos planos de estudos aos objectivos dos cursos.</p> <p>Melhor explicitação das opções oferecidas.</p> <p>Melhor explicitação das diferentes formações oferecidas.</p>

Direito	Excelente clareza dos objectivos de formação.	
Farmácia	<p>Plano de estudo reformulado de acordo com as directivas comunitárias e a legislação nacional.</p> <p>Regulamento pedagógico pormenorizando as metodologias de avaliação a aplicar nas aulas teóricas, práticas e laboratoriais, bem como os contributos de cada um para a classificação final.</p>	<p>Valorização dos trabalhos das aulas práticas e laboratoriais.</p> <p>Redução da utilização de itens de escolha múltipla nos exames finais.</p>
Medicina Dentária	Conteúdos adequados.	<p>Diminuição da carga horária diária exagerada, para melhor aproveitamento pedagógico.</p> <p>Oferta de estágios de clínica integrada.</p> <p>Oferta de cursos de pós-graduação.</p>
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	Objectivos definidos de forma clara, revelando adequação ao respectivo domínio científico.	<p>Maior precisão dos objectivos, considerados demasiado genéricos.</p> <p>Maior equilíbrio na distribuição dos alunos pelas variantes.</p> <p>Melhor adequação dos objectivos aos novos públicos-alvo.</p> <p>Melhor preparação em gestão e em TIC.</p>
Medicina	<p>Objectivos bem definidos e bem conhecidos pela maioria de docentes e discentes.</p> <p>Boa articulação entre disciplinas básicas e clínicas.</p> <p>Possibilidade de os alunos realizarem estágios de investigação laboratorial, clínicos e pedagógicos.</p> <p>Existência de uma comissão de acompanhamento curricular.</p> <p>Esforço de integração de temas através da realização de seminários comuns.</p>	Melhor adequação do ciclo clínico (4º e 5º anos) ao número de alunos, docentes e espaços (ensino teórico e prático).
Belas-Artes	O último relatório de avaliação externa ainda não foi tornado público.	

Em síntese, os pontos fortes identificados pelos avaliadores, no que se refere aos objectivos dos programas de formação oferecidos pela Universidade de Lisboa, centraram-se no rigor da concepção de grande parte dos planos de estudos, na flexibilidade na articulação disciplinar de alguns cursos, na oferta de criação de programas de formação inter-temáticos e inter-departamentais, no esforço de criação de novos cursos para promover o acréscimo dos alunos inscritos e na utilização das recomendações das avaliações anteriores para melhorar a oferta de formação.

Em contrapartida, as recomendações de melhoria incidiram, especialmente, no reforço de coordenação científica e pedagógica, na flexibilização curricular com a devida explicitação das opções oferecidas e diferenciação dos perfis de formação, na adequação entre objectivos, planos de estudo e novos públicos-alvo, na eliminação de sobreposições e lacunas curriculares, no reforço da relação ensino-investigação e diminuição do peso das cadeiras teóricas, no reforço das práticas de trabalho de grupo, reflexão e espírito crítico, na intensificação da informatização de apoio ao ensino e à investigação e no maior envolvimento de alunos e empregadores no processo de desenvolvimento curricular.

Qualidade dos docentes

Tal como nas secções anteriores, o Quadro 7 apresenta, no que respeita à preparação científica e pedagógica dos docentes das Universidade de Lisboa, um resumo dos “pontos fortes” e das “recomendações de melhoria” constantes, sobretudo, dos relatórios de avaliação externa consultados, mas também das reformulações resultantes dos processos de auto-avaliação e de avaliação externa que entretanto decorreram.

Quadro 7

Qualidade dos docentes da Universidade de Lisboa: pontos fortes, pontos fracos e recomendações de melhoria

Faculdade	Pontos fortes	Pontos fracos e recomendações de melhoria
Letras	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica.	Contratação de docentes em certas áreas. Flexibilização da relação pedagógica. Diversificação das formas de avaliação. Maior integração entre aulas teóricas e práticas. Problema estrutural: envelhecimento do corpo docente e impossibilidade de recrutar novos professores.
Direito	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica.	
Medicina	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica e bom grau de internacionalização. Investimento na preparação pedagógica dos docentes.	Acompanhamento do aumento do número de alunos com o necessário aumento de docentes. Promoção de um maior nível mobilidade internacional nos alunos. Diminuição do volume de pessoal docente não remunerado.
Ciências	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica.	Formação pedagógica dos docentes. Flexibilização da relação pedagógica. Problema estrutural: envelhecimento do corpo docente e impossibilidade de recrutar novos professores.
Farmácia	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica, com menos de 50 anos e boa preparação pedagógica. Organização de um curso de 30 horas de formação pedagógica dos docentes, em colaboração com a FPCE.	
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educ.	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica.	Problema estrutural: envelhecimento do corpo docente e impossibilidade de recrutar novos professores.
Medicina Dentária	Corpo docente, no geral, de elevada qualidade científica.	Valorização da capacidade pedagógica dos docentes. Disseminação do conhecimento sobre o faseamento do novo plano curricular.

Belas-Artes	O último relatório de avaliação externa ainda não foi tornado público.
--------------------	------------------------------------------------------------------------

A qualificação científica dos docentes da Universidade foi considerada, na generalidade, como boa ou muito boa, pelos avaliadores externos, havendo, no entanto, algumas excepções, de onde decorreram sugestões no sentido do recrutamento de especialistas em certas áreas. Registaram-se também recomendações no sentido de promover a formação pedagógica de grande parte dos docentes da Universidade, de modo a melhor integrar aulas teóricas e práticas, flexibilizar a relação pedagógica e diversificar formas de avaliação, havendo já a registar algumas experiências positivas nesse sentido. O envelhecimento do corpo docente, a sua redução e a impossibilidade de recrutar novos professores foram identificados como dificuldades estruturais na maior parte das Faculdades.

Processos de inserção na vida activa e grau de satisfação relativamente à adequação da formação ao exercício da actividade profissional

Os gabinetes UNIVA (Unidade de Inserção na Vida Activa) têm como objectivo fornecer serviços de apoio à orientação e colocação de licenciados, à organização de estágios e formação profissional e a outras formas de contacto com o mercado de trabalho. No seio da Universidade de Lisboa foi desenvolvido, em 2001-2002, um estudo que pretendia “caracterizar fielmente a população de alunos que no período correspondente se inscreveram nos gabinetes de ajuda aos alunos universitários” (Monteiro, 2003, p. 1), tendo sido lançado um questionário a uma amostra de alunos a fim de compreender quais as principais razões da respectiva utilização destes serviços de apoio. Foram estudadas as unidades UNIVA (ou suas equivalentes) então existentes, ou seja: as UNIVA da Reitoria, da Faculdade de Letras e da Faculdade de Belas-Artes, o Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais da Faculdade de Ciências e o Gabinete de Saídas Profissionais da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Das conclusões deste inquérito, destacamos:

- O número de consultas nas diversas UNIVA, ao longo dos 17 meses do estudo, foi de 150 na Reitoria; 119 na Faculdade de Letras; 329 em Ciências; 127 em Psicologia e Ciências da Educação; e 269 em Belas-Artes. (Em 2004, os valores passaram para 330 na Faculdade de Belas-Artes e 136 na Faculdade de Letras).
- As principais razões da consulta dos gabinetes UNIVA prendiam-se, nomeadamente, com a procura de estágios profissionais; a procura do primeiro emprego na área da licenciatura recém-concluída; a necessidade de conhecer a situação do mercado de trabalho; a busca de informação sobre bolsas de investigação.
- Quase metade dos inquiridos classificou como satisfatório o método utilizado por estes gabinetes, no que respeitava a difusão da informação sobre ofertas de trabalho, e cerca de um quarto como muito satisfatório.

Os gabinetes UNIVA da Universidade sofreram entretanto um conjunto de alterações organizacionais, que se prenderam, nomeadamente, com o fim do gabinete em funcionamento na Reitoria e o fim do apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional, tendo passado a Gabinetes de Apoio aos Alunos nas Faculdades de Letras, Psicologia e Ciências da Educação e Belas-Artes. O gabinete da Faculdade de Ciências encontra-se de momento em processo de reestruturação.

O Quadro 8 identifica, para as várias Faculdades da Universidade de Lisboa, as formas organizadas de relação com o mundo do trabalho e o grau de satisfação de diplomados e empregadores no que respeita a adequação da formação ao exercício da actividade profissional.

Quadro 8

Formas de inserção na vida activa e grau de satisfação face à adequação da formação ao exercício da actividade profissional na Universidade de Lisboa

Faculdade	Formas de inserção na vida activa	Grau de satisfação face à adequação da formação ao exercício da actividade profissional
Letras	Existe um Gabinete de Apoio ao Aluno, a partir do qual é possível acompanhar os percursos de inserção na vida activa dos alunos finalistas e recém-diplomados. Este Gabinete organiza diversas iniciativas e está direccionado para várias vertentes: Relações Externas; Orientação e Integração Profissional; e Apoio ao Aluno.	<p>Em virtude da diminuição das vagas nos estabelecimentos de ensino público, os avaliadores recomendaram a preparação para o desempenho de funções alternativas à docência; o ultrapassar da dependência dos cursos do ensino formal, alargando o leque de formação aos cursos profissionalizantes; o reforço do acompanhamento institucional aos finalistas para facilitar a inserção no mercado de trabalho; a reestruturação dos cursos com finalidades específicas e perspectivas de saídas profissionais; o incentivo ao prosseguimento de estudos de pós-graduação e especialização.</p> <p>Embora grande parte destes cursos desemboque na docência, os avaliadores notaram em alguns uma deficiente articulação entre o plano do curso e a preparação para a docência.</p> <p>Algumas outras variantes “não ensino” ofereciam estágios profissionalizantes no último ano do curso, a fim de preparar os diplomados para as novas exigências do mercado de trabalho. Os avaliadores, considerando tais iniciativas como pontos fortes dos cursos, referiram, no entanto, a natureza demasiado abrangente da formação, que remetia a obtenção de competências mais especializadas para a formação pós-graduada e a experiência profissional, recomendando: i) a criação de mais protocolos com entidades privadas e públicas para a realização de estágios curriculares e profissionais; ii) uma melhor iniciação à prática profissional pela diversificação do trabalho de campo; iii) a generalização dos estágios curriculares e profissionais.</p>
Direito	O Gabinete de Inserção na Vida Activa existe há dois anos, sendo também responsável pela organização de cursos de pós-graduação e outros eventos. A Associação Académica tem desempenhado sempre um papel importante na inserção dos alunos	Os avaliadores consideraram excelente o grau de satisfação de diplomados e empregadores no que respeita à adequação da formação ao exercício da actividade profissional.

(cont.)		influência a outras regiões do país.
Medicina Dentária	Foi recomendada a criação de um Gabinete de Acompanhamento dos Licenciados.	Existem vários protocolos de carácter científico e pedagógico com outras instituições, não sendo possível conhecer a opinião dos empregadores, dado o carácter predominantemente liberal da profissão. Reconhece-se, no entanto, a existência de “pleno emprego relativo”.
Belas-Artes	Existiu uma Unidade de Integração na Vida Activa (UNIVA) desde 2001, a qual se transformou em 2005 em Gabinete de Apoio ao Aluno, continuando a funcionar com os mesmos recursos humanos. Este Gabinete trata igualmente dos estágios oferecidos pelos Programas Europeus Erasmus e Leonardo.	

A existência de Gabinetes UNIVA ou similares e de mecanismos próprios para organizar as relações com os empregadores foram considerados pelos avaliadores como pontos fortes nas Faculdades onde existiam, aconselhando-se a sua criação quando tal não acontecia. No entanto a leitura do quadro mostra que as relações Universidade – empregadores e a criação de competências relacionadas com o exercício da actividade profissional foram áreas que concentraram um grande volume de sugestões de melhoria. Sobressaiu, nomeadamente, o problema dos cursos organizados com vista ao emprego no ensino não superior e a sua necessária reconversão noutros perfis de formação.

Outras recomendações incidiram no reforço do acompanhamento institucional aos finalistas, para facilitar a respectiva inserção profissional, e na organização de estágios profissionalizantes, que permitissem a preparação dos diplomados para as novas exigências do mercado de trabalho, através da criação de mais protocolos com entidades privadas e públicas. Foi igualmente enfatizada a necessidade de aproveitar os estágios para desenvolver competências de exploração das oportunidades de emprego.

Condicionantes da concretização de uma “cultura de qualidade”

Nesta secção, debruçámo-nos sobre o grau de contribuição dos processos de avaliação para a melhoria das práticas institucionais. O Quadro 9 apresenta, sobre esta questão, os pontos fortes e as recomendações dos avaliadores externos.

Quadro 9

Condicionantes da criação de uma “cultura de qualidade” na Universidade de Lisboa: pontos fortes, pontos fracos e recomendações de melhoria

Faculdade	Pontos fortes	Pontos fracos e recomendações de melhoria
Letras	<p>Metodologia correcta para auscultar o parecer dos vários actores educativos face à organização e funcionamento dos cursos (lançamento de inquéritos de opinião).</p> <p>Vai entrar em funcionamento um sistema de avaliação dos professores pelos alunos, em que estes preenchem questionários que serão depois tratados por leitura óptica (o programa informático já foi adquirido).</p>	<p>Aprofundamento do trabalho de interpretação dos resultados, procurando uma participação mais activa dos estudantes.</p> <p>Implementação de um sistema de avaliação da docência.</p>
Direito	A Associação Académica tem colaborado em iniciativas de gestão de controlo da qualidade.	
Medicina	<p>Excelente liderança e responsabilização inerentes à promoção da qualidade.</p> <p>Algumas disciplinas aplicam inquéritos aos alunos no âmbito da gestão da qualidade.</p>	<p>Conversão da aplicação de inquéritos a alunos e docentes num sistema continuado e efectivo de controlo da qualidade.</p> <p>Publicação dos respectivos relatórios.</p> <p>Mais investimento na formação dos docentes, ligando o desempenho pedagógico à progressão na carreira.</p>
Ciências	A criação do “Gabinete de Auto-Avaliação da FCUL”, o desenvolvimento de uma política integrada de acompanhamento dos cursos, a aplicação de inquéritos aos alunos para gerir a qualidade dos cursos e das disciplinas (estes questionários encontram-se preparados para leitura óptica, sendo fácil o seu tratamento), o relacionamento com a investigação e a propensão para a inovação foram considerados pelos avaliadores com pontos fortes organizacionais.	<p>Criação de uma base de dados sobre os licenciados.</p> <p>Auscultação regular do mercado de trabalho.</p> <p>Organização de um sistema de avaliação da qualidade da docência.</p> <p>Efectiva utilização dos resultados dos inquéritos já aplicados na melhoria da qualidade organizacional.</p> <p>Reforço do peso da componente experimental do ensino.</p>
Medicina Dentária	Criação de uma estrutura com funções de observatório, que influencie a actividade pedagógica de forma contínua.	
Belas-Artes	O último relatório de avaliação externa ainda não foi tornado público.	

Parece registrar-se um quase consenso por parte dos avaliadores no sentido da criação de mecanismos rotineiros de controlo da qualidade que passem, nomeadamente, pela auscultação das opiniões de alunos, professores e empregadores, e pela organização de um sistema de avaliação do desempenho docente. A colaboração das Associações de Estudantes na gestão dos processos de qualidade de certas Faculdades parece ser uma prática positiva que poderia ser disseminada por toda a Universidade.

6. Conclusões e recomendações

Segundo os dados estatísticos mais recentes (DIMAS 2005), e como se pode observar no Gráfico 3, oitenta por cento dos alunos da Universidade de Lisboa terminam o curso no prazo previsto ou em mais 1 ano; dez por cento em mais 2 anos; dez por cento em mais de 2 anos. Trata-se, à primeira vista, de uma situação bastante positiva no contexto de dramatismo mediático sobre o insucesso no ensino superior. Falta-nos, no entanto, ter um conhecimento preciso do volume de abandonos que se registam ao longo de cada curso.

Será ainda necessário ter em atenção que o retrato varia consoante as Faculdades, registando-se elevadas taxas de reprovação e reduzidas taxas de diplomação nas Faculdades de Ciências, Letras e Belas-Artes.

Gráfico 3 – N.º de Anos para a conclusão do curso, por Faculdade, em que n = tempo regulamentar do curso



O estudo dos factores de sucesso e insucesso na Universidade de Lisboa permitiu identificar um conjunto de pontos fortes e “boas práticas”⁴¹ nas diversas Faculdades que, se divulgados e potencializados, poderão ser convertidos em estratégias de promoção do sucesso escolar e social dos alunos da Universidade.

Verificámos que, na generalidade, o contexto sócio-económico de origem dos alunos, o seu percurso no ensino secundário que permite, em boa parte dos casos, o ingresso no par estabelecimento/curso de 1ª opção, a motivação daí decorrente e as consequentes expectativas elevadas poderão ser considerados como aspectos positivos, a potenciar no conjunto da Universidade. Por outro lado, a falta de preparação no ensino secundário, mesmo no caso dos alunos que ingressam com médias elevadas, e a desmotivação/frustração de expectativas inerentes ao ingresso em cursos que não

⁴¹ Deve ser notado que os “pontos fortes” e “boas práticas” identificados se basearam sobretudo na análise dos relatórios de avaliação externa. Não se desenvolveram, no geral, estudos de avaliação dos respectivos efeitos.

constituíram 1ª opção, podem implicar uma desorientação académica e vocacional que deveria ser gerida através do desenvolvimento de estratégias sistemáticas de acompanhamento e apoio. “Boas práticas” deste tipo de estratégias de integração, que mereceria a pena divulgar, debater e, eventualmente, capitalizar no conjunto da Universidade, acontecem com os regimes de aconselhamento, mentorado e tutoria, já instituídos em alguns departamentos das Faculdades de Letras, Ciências e Medicina Dentária, e o trabalho de ligação com as Associações de Estudantes para a integração dos novos alunos, como acontece nas Faculdades de Direito e de Farmácia.

No que concerne a oferta de formação, foi identificada a necessidade de, em muitos casos, reduzir a rigidez, flexibilizar percursos e incluir um maior leque de opções, o que deve ser acompanhado pela organização de mecanismos capazes de orientar cabalmente os estudantes nas suas escolhas. Por outro lado, verificou-se que os sistemas de tutoria, quando instituídos em cursos que não ofereciam percursos flexíveis, perdiam a sua razão de ser, na medida em que os alunos não precisavam de recorrer ao aconselhamento dos docentes.

A preparação científica dos docentes da Universidade de Lisboa foi um aspecto geralmente considerado como muito positivo, embora a necessidade de renovar o corpo docente, recrutar docentes em certas áreas específicas e ligar a docência à experimentação, trabalho de campo e investigação fosse referida em grande parte das avaliações externas. A formação pedagógica da generalidade do corpo docente foi outra necessidade identificada, bem como a instituição de um sistema de avaliação que se baseasse, nomeadamente, nas avaliações de aulas e cursos feitas pelos alunos. Experiências positivas nestas áreas sucederam já na parceria estabelecida entre a

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e a Faculdade de Farmácia na organização de um curso de formação pedagógica para os docentes desta última, cujos resultados foram considerados tão meritórios que vai ser repetido no próximo ano; e o sistema de avaliação dos docentes criado na Faculdade de Ciências, cujas fichas, preenchidas pelos alunos, de leitura óptica, são de fácil tratamento. A aplicação de fichas de avaliação de leitura óptica vai também ser iniciada na Faculdade de Letras. Valeria a pena que estes processos fossem divulgados ao nível da Universidade, de modo a transformarem-se, eventualmente, numa estratégia institucional – universitária – de formação pedagógica e de avaliação de desempenho dos docentes.

As estruturas de apoio aos alunos, designadamente os Gabinetes de Apoio e os Gabinetes de Estágios e Saídas Profissionais, foram considerados pelos avaliadores como aspectos positivos organizacionais nas Faculdades em que existiam, recomendando-se a sua criação naquelas onde os mesmos eram inexistentes. Destacam-se as experiências do Gabinete de Apoio Psicológico da Faculdade de Ciências, que oferece serviços a alunos, professores e funcionários, e o Gabinete de Apoio à Comunidade, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Como estratégia geral para a Universidade, ressalta a necessidade de instituir um sistema de identificação e acompanhamento dos alunos que, por não terem ingressado em cursos de 1ª opção, ou por se encontrarem deslocados do seu contexto habitual, poderão ser mais susceptíveis aos problemas de reprovação ou desistência. Parece ser igualmente necessário organizar sistemas de apoio à inserção de estagiários e licenciados, na medida em que os Gabinetes UNIVA existentes até há pouco tempo têm vindo a sofrer alterações estruturais, não se conhecendo ainda os resultados das mesmas.

Finalmente, a monitorização sistemática da qualidade foi um dos aspectos mais genericamente considerados como “a melhorar” pelos avaliadores externos. Destaca-se neste aspecto, como experiência positiva, a organização do Gabinete de Auto-Avaliação da Faculdade de Ciências. O que parece faltar é a criação de processos rotineiros de controlo da qualidade, o nível de Departamento, Faculdade e da própria Universidade, que passam pela auscultação regular de alunos, professores e empregadores, tratamento dos dados obtidos e posterior actuação em conformidade com os mesmos.

Deste relatório decorrem as seguintes recomendações para o desenvolvimento de uma estratégia de apoio ao sucesso dos alunos da Universidade de Lisboa, centrada em três vertentes: alunos, docentes e instituição.

- Alunos:
 - Organização de um observatório de percursos escolares, que permita a identificação e compreensão das trajectórias de sucesso, abandono e reprovação dos alunos da Universidade de Lisboa.
 - Criação de mecanismos de acompanhamento, apoio e orientação dos alunos em geral.
 - Criação de mecanismos de acompanhamento especial para:
 - Os alunos do 1º ano que se encontram deslocados do seu contexto de origem e/ou que ingressaram em cursos que não constituíram a sua 1ª opção.
 - Os alunos em estágio.
 - Os recém diplomados sem emprego.

- Docentes
 - Organização de um sistema de apoio permanente à formação pedagógica dos docentes.
 - Implantação de um sistema de avaliação dos docentes que tenha em conta, nomeadamente, as opiniões dos alunos.
- Instituição
 - Criação de processos rotineiros de controlo da qualidade, com auscultação das opiniões de alunos, professores, empregadores e todos os outros agentes cuja actividade se relaciona com a da Universidade de Lisboa.

No relatório vêm igualmente explicitadas uma série de contribuições para a compreensão dos fenómenos de sucesso, repetição e abandono no ensino superior, que evidenciam a necessidade de recolher e organizar a informação estatística de forma a permitir:

- Apresentar a evolução das notas médias de ingresso nos cursos (e não as notas mínimas, como até agora), para melhor se compreender o nível médio de preparação dos alunos à entrada.
- Seguir o percurso académico de cada aluno, identificando as transferências intra e inter-instituições (que até agora se encontram incluídas incorrectamente nos dados do abandono).
- Incluir no conceito de sucesso escolar as graduações em $n+1$ e $n+2$ anos (que até agora se encontram incluídas nos dados sobre o insucesso).

A compreensão dos factores de sucesso/insucesso na Universidade terá forçosamente de passar pela inclusão das vozes dos estudantes nos seus diversos percursos. Este relatório representa, portanto, apenas uma contribuição preliminar para o estudo do fenómeno em causa.

Etapas seguintes

O conjunto de estudos prosseguirá com as seguintes linhas de investigação, separadas mas complementares:

- Uma linha de enfoque nas transferências e abandonos: 1) identificação e caracterização dos alunos que, tendo-se matriculado em 2004-05 na Universidade de Lisboa, não se matricularam a em 2005-06, para distinguir transferências de abandonos; 2) lançamento de um inquérito por questionário a uma amostra desses alunos, a fim de compreender as estratégias académicas, pessoais e profissionais subjacentes aos comportamentos identificados; 3) realização de entrevistas em profundidade a um conjunto desses alunos, para se perceber de forma mais fina os processos de decisão em estudo.
- Uma linha de enfoque nos alunos que demoram muitos anos para se diplomar: 1) análise de variância das variáveis estatísticas relativas aos diplomados em n , $n+1$ ou $n+2$ anos e das dos que demoraram mais tempo a diplomar-se, a fim de se caracterizarem esses dois tipos de estudantes; 2) lançamento de um inquérito por questionário a uma amostra desses diplomados, a fim de compreender as estratégias académicas, pessoais e profissionais subjacentes aos comportamentos identificados; 3) realização de entrevistas em profundidade a um conjunto desses diplomados, para se perceber de forma mais fina os processos de decisão em estudo.

Simultaneamente, uma equipa de investigação do Instituto de Ciências Sociais tomará a seu cargo a caracterização sociográfica dos alunos à entrada e, posteriormente, o desenvolvimento de um observatório dos alunos da Universidade de Lisboa. Prevê-se que o Departamento de Educação da Faculdade de Ciências se encarregue de desenvolver estudos de caso biográfico sobre percursos de sucesso, repetência e abandono na Universidade. O Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e o Instituto de Orientação Profissional terão um papel relevante na elaboração dos questionários a aplicar nos inquéritos quantitativos.

* * *

Estamos certos de que estes vários estudos interligados vão constituir uma mais-valia de conhecimento sobre os percursos académicos dos alunos da Universidade de Lisboa e contribuir para o desenvolvimento de programas de intervenção para a melhoria do sucesso escolar na Universidade de Lisboa.

Referências

- Adelman, C. (1999). *Short Web-Based Version of Answers in the Tool Box: Academic intensity, attendance patterns, and Bachelor's degree attainment*. Washington, DC: US Department of Education.
- Almeida, L. (coord.) (2004). *Transição, adaptação e rendimento académico dos jovens do ensino superior*. Braga: Universidade do Minho.
- Almeida, L. (2002). Sucesso e insucesso no ensino superior português. In *Sucesso e insucesso no ensino superior português. Actas de um seminário realizado em 17 de Janeiro de 2002*. Lisboa: CNE – Conselho Nacional de Educação, pp. 103-119.
- Alves, N. (2005). *Trajectórias académicas e de inserção profissional dos licenciados pela Universidade de Lisboa: 1999-2003*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Alves, N. (2000). *Trajectórias académicas e de inserção profissional dos licenciados 1994-1998*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Alves, N. (1998). Escola e trabalho: Atitudes, Projectos e trajectórias. In *Jovens portugueses de hoje: Resultados do inquérito de 1997* (Coord. M. Villaverde Cabral & J. Machado Pais). Oeiras: Celta Editora, pp. 53-134.
- Aires, S. (2001). *Vivências e percepções do estágio no ensino superior*. Braga: Universidade do Minho.
- Argyris, C. & Schon, D. A. (1978). *Organizational learning: A theory of action perspective*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Argyris, V. & Schon, D. A. (1996). *Organizational learning II: Theory, method, and practice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Bernstein, B. (1973). *Class, codes and control*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Boudon, R. (1973). *L'inegalité des chances. La mobilité sociale des sociétés industrielles*. Paris: Armand Colin.
- Bourdieu, P. et Passeron, J.C. (1964). *Les heritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Ed. Minuit.
- Braxton, J. M. (1995). *Reworking the student departure puzzle*. Vanderbilt University Press
- CODES (1967). *Situação e opinião dos universitários*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Projectos de Desenvolvimento Sócio-Económico, SCRL.

- Dubet, F. (1994). Dimensions et figures de l'expérience étudiante dans l'université de masse. *Revue Française de Sociologie*, XXXV; pp. 511-532.
- Elrich, V. (1998). *Les nouveaux étudiants, un groupe social em mutation*. Paris: Colin.
- Estrela, M. T. et al (1999). *Ser caloiro na Universidade de Lisboa*. Universidade de Lisboa, FPCE, FLUL, FMUL (doc. policopiado).
- Fave-Bonnet, M.-F. & Clerc, N. (2001). Des "Héritiers" aux "nouveaux" étudiants: 35 ans de recherches. *Revue Française de Pédagogie*, n° 136, pp. 9 – 19.
- Felouzis, G. (2001). *La condition étudiante*. Paris: PUF.
- Friedberg, E. & Musselin, C. (1989). *En quête d'universités*. Paris: L'Harmattan.
- Friedberg, E. & Musselin, C. (eds) (1992). *Le gouvernement des universités. Perspectives comparatives*. Paris: L'Harmattan.
- Friedberg, E. & Musselin, C. (1993). *L'État face aux universités*. Paris: Anthropos.
- Furlong & Forsyth (2005), *Losing out? Socioeconomic disadvantage and experience in further and higher education*. London: Routledge.
- Gonçalves, A. (2001). *As asas do diploma. A inserção profissional dos licenciados pela Universidade do Minho*. Braga: Universidade do Minho.
- Grácio, S. (1997). Dinâmicas de escolarização e oportunidades individuais. Lisboa: Educa.
- Grignon, C. & Gruel, L. (1999). *La vie étudiante*. Paris: PUF.
- Marques, A. C. e Nunes, L. (2003). *Avaliação do percurso profissional dos licenciados dos últimos cinco anos (1998-2002) da FCUL*. Lisboa: FCUL.
- Marques, A. L. et al (2001). *Manual de sobrevivência para o recém-licenciado*. Lisboa: FBA-UL.
- Marques, A. P. (2001). Antecipação do projecto profissional, in *Cadernos de Ciências Sociais*, n° 21/22. Porto: Edições Afrontamento.
- Monteiro, S. (2003). *UNIVA – Unidade de Inserção dos Jovens na Vida Activa. A sua idealização metodológica como meio de atingir a optimização do seu funcionamento*. Relatório final do Curso de Licenciatura em Sociologia do Trabalho. Lisboa: ISCSP. UTL (documento policopiado).
- Musselin, C. (2001). *La longue marche des universités françaises*. Paris: PUF.
- Napier University (2004). *Inquiry into Higher Education: Student retention. Submission from the Student Retention Project*. Edimburgo: Napier University
- NIACE (1996). *Staying or leaving the course: non-completion and retention of mature students in further and higher education*. London: NIACE.

- Nóvoa, A. (2005). *Evidentemente. Histórias da Educação*. Porto: Edições ASA.
- OCES (2004). *Índice de sucesso escolar no ensino superior público: Diplomados em 2002-2003*. Lisboa: OCES.
- Pais, J. M. (1998). Da escola ao trabalho: O que mudou nos últimos 10 anos? . In *Jovens portugueses de hoje: Resultados do inquérito de 1997* (Coord. M. Villaverde Cabral & J. Machado Pais). Oeiras: Celta Editora, pp. 189-214.
- Pais, J. M. (1998). Grupos juvenis e modelos de comportamento em relação à escola e ao trabalho: Resultados de análises factoriais. In *Jovens portugueses de hoje: Resultados do inquérito de 1997* (Coord. M. Villaverde Cabral & J. Machado Pais). Oeiras: Celta Editora, pp. 135-188.
- Pinto, M. H. (coord.) (2001). *Os percursos escolares e profissionais dos estudantes e licenciados pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa: 1980 – 2000*. Lisboa: Universidade de Lisboa, FPCE (doc. policopiado).
- Pinto, J. M. (1999). “Questões sobre a Universidade”. Resumo da comunicação apresentada no seminário “Da ideia de Universidade à Universidade de Lisboa”, Reitoria da Universidade de Lisboa, 29-30 de Novembro de 1999.
- Pinto, J. M. (2002). Sucesso e insucesso no ensino superior português. In *Sucesso e insucesso no ensino superior português. Actas de um seminário realizado em 17 de Janeiro de 2002*. Lisboa: CNE – Conselho Nacional de Educação, pp. 119-141.
- Quivy, R. & Van Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reichert, S. & Tauch, C. (2003). *Trends 2003. Progress towards a European Higher Education Area. Bologna four years after: Steps towards sustainable reform of higher education in Europe*. EU-DGEC – EUA.
- Rey, O. (2005). *L’enseignement supérieur sous le regard des chercheurs*. Lyon: INRP. Documento on-line, consultado em 2 de Dezembro de 2005.
- Ribeiro, R. (2001). *As lições dos aprendizes. As praxes académicas na Universidade do Minho*. Braga: Universidade do Minho.
- Rocheftort, D. A. & Cobb, R. W. (1994). *The politics of problem definition. Shaping the policy agenda*. Lawrence, Kansas: The University Press of Kansas.
- Santos, L. (2001). *Adaptação académica e rendimento escolar. Estudo com alunos universitários do 1º ano*. Braga: Universidade do Minho.

- Sammons, P. (2001). "Fairer comparisons of schools: The role of school effectiveness research in promoting improvement". Paper presented at The Meaning of Quality in Education Conference. Karlstaad, Sweden, 2-4 April 2001.
- Sedas Nunes, A. (coord.) (1968). *A Universidade na vida portuguesa. Análise Social, n.º 20-21, Vol. VI.*
- Sedas Nunes, A. (1969). *A situação universitária portuguesa.* Lisboa: Livros Horizonte.
- Sedas Nunes, A. (1970). *O problema político da Universidade.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Senge, P. M. (1990). *The fifth discipline: The art and practice of the learning organization.* New York: Doubleday.
- Tavares, J. e Santiago, R. *Ensino Superior. (In) Sucesso académico.* Porto: Porto Editora, 2000.
- Tinto, V. (1993). *Leaving college: rethinking the causes and cures of student attrition.* Chicago: The University of Chicago Press.
- Victorino, R.; Jollie, C. e McKimm, J. (2005). *O licenciado médico em Portugal. Core graduates learning outcomes project.* Lisboa: FMUL.

Referências on line

- <http://www.napier.ac.uk./qes/studentretentionproject>. Consultado em 03-06-2005.
- <http://nces.ed.gov/edstats/index>. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.ed.gov/pubs/Toolbox/toolbox.html>. Consultado em 08-09-2005.
- http://www.gseis.ucla.edu/heri/yfcy/yfcy_presentations_02.html. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.gseis.ucla.edu/heri/freshman.html>. Consultado em 07-06-2005.
- http://www.gseis.ucla.edu/heri/css_survey.html. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.okhighered.org/studies-reports/retention-taskforce.pdf>. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.edu.yorku.ca:8080/cse/PresenterAbstract>. Consultado em 07-06-2005.
- http://www.thes.co.uk/story.aspx?story_id=2016190. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.education.gouv.fr/stateval/etat/presentation2.htm>. Consultado em 07-06-2005.
- http://www.ove-national.education.fr/doc_lib/dd6a_eurostudent_report_2005.pdf. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.jrf.org.uk/knowledge/findings/socialpolicy/s63.asp>. Consultado em 07-06-2005.
- <http://www.timesonline.co.uk/article/0,2087-816278,00.html>. Consultado em 07-06-2005.
- http://www.univ-paris8.fr/article.php3?id_article=454. Consultado em 15-06-2005.
- <http://www.ofsted.gov.uk/colleges/>. Consultado em 08-09-2005.
- http://www.fup.pt/admin/fup/docs/ca/Guiao_AE_Univ.pdf. Consultado em 08-09-2005.

http://econ.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64165259&theSitePK=469372&piPK=64165421&menuPK=64166322&entityID=000012009_20051021094619. Consultado em 14-11-2005.

http://www.inrp.fr/vst/Dossiers/Ens_Sup/Sommaire.htm. Consultado em 02-12-2005.

<http://www.ove-national.education.fr/index.php>. Consultado em 02-12-2005

<http://www.ove-national.education.fr>. Consultado em 07-12-2005.

Relatórios de auto-avaliação e de avaliação externa

Curso de Filosofia – 2001

Curso de História – 2001

Curso de Linguística - 2001

Curso de Línguas e Literaturas Clássicas - 2001

Curso de Probabilidades e Estatística – 2001

Curso de Estatística e Investigação Operacional – 2001

Curso de Matemática – 2001

Curso de Ensino da Matemática – 2001

Curso de Engenharia Geográfica – 2001

Curso de Bioquímica – 2001

Curso de Biologia e Geologia – 2001

Curso de Biologia Vegetal Aplicada – 2001

Curso de Biologia Microbiana e Genética – 2001

Curso de Biologia Aplicada aos Recursos Animais – 2001

Curso de Biologia – 2001

Curso de Ensino de Biologia e Geologia – 2001

Curso de Informática – 2002

Curso de Química Tecnológica – 2002

Curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Modernas – 2002

Curso de Geografia – 2003

Curso de Ensino de Física e Química – 2003

Curso de Engenharia Física – 2003

Curso de Ciências Geofísicas – 2003

Curso de Geologia – 2003

Curso de Física – 2003

Curso de Química – 2003

Curso de Geologia Aplicada e do Ambiente – 2003

Curso de Ciências Farmacêuticas – 2003
Curso de Medicina Dentária – 2003
Curso de Medicina – 2004
Curso de Direito - 2004
Curso de Psicologia – 2005
Curso de Ciências da Educação – 2005

Documentos UNIVA /GAPSI

GAPSI da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. *Relatório de Actividades de 2004.*

Marques, A. C. e Nunes, L. (2003). *Avaliação do percurso profissional dos licenciados dos últimos cinco anos (1998-2002) da FCUL.* Lisboa: FCUL

Monteiro, S. (2003). *UNIVA – Unidade de Inserção dos Jovens na Vida Activa. A sua idealização metodológica como meio de atingir a optimização do seu funcionamento.* Relatório final do Curso de Licenciatura em Sociologia do Trabalho. Lisboa: ISCSP. UTL (documento policopiado).

UNIVA da FBA – UL. *Relatório Anual de Actividades 2003-04.*

UNIVA da FCUL. *1ª loja de emprego. Uma grande caminhada começa sempre por um pequeno passo.* Lisboa, 1999.

UNIVA da FCUL. *2ª loja de emprego. Nas respostas do passado as perguntas do novo milénio.* Lisboa, 2000.

UNIVA da FD-UL. *Relatório Sucinto de Actividades 2004-05.*

UNIVA da FLUL. *Renovação. Plano de Actividades 2004-05.*

UNIVA da FLUL. *Relatório Anual de Actividades 2003-04.*

ANEXOS

1. Protocolo de entrevista aos Presidentes do Conselho Pedagógico

A Universidade de Lisboa está a desenvolver um estudo sobre os percursos de sucesso, insucesso e abandono escolar dos seus alunos. A metodologia adoptada integra a análise extensiva de tendências com estudos de caso biográficos, que permitam compreender em profundidade alguns percursos de sucesso, insucesso e abandono na Universidade de Lisboa.

De entre os objectivos específicos do estudo, destacam-se, nomeadamente: 1) Identificar grandes tendências de abandono e insucesso escolares na Universidade de Lisboa, por comparação com os dados estatísticos nacionais e internacionais; 2) Recolher informação sobre as experiências académicas, sociais e culturais dos estudantes da Universidade de Lisboa, ao longo do seu percurso formativo; 3) Descrever estratégias institucionais de integração académica, social e profissional; 4) Mapear percursos de sucesso, retenção e abandono dos alunos, por Faculdade; 5) Relacionar os diferentes percursos académicos com as aspirações sociais e profissionais e as estratégias de formação e emprego dos jovens; 6) Relacionar os percursos académicos com as estratégias pedagógicas, organizacionais e de orientação vocacional e inserção profissional de cada Faculdade; 7) Identificar “boas práticas” de inclusão dos alunos na universidade e no mercado de emprego; 8) Divulgar/debater os resultados da investigação a nível interno e de outras academias.

A realização de entrevistas aos Presidentes dos Conselhos Pedagógicos de cada Faculdade e a análise dos respectivos relatórios de auto-avaliação institucional e avaliação externa inserem-se na 1ª etapa de realização do estudo e visam a caracterização das estratégias pedagógicas e organizacionais de promoção do sucesso escolar, de orientação vocacional e de inserção académica, social e profissional desenvolvidas no seio da Universidade de Lisboa.

Tomando como ponto de partida os dados estatísticos relativos ao “Índice de sucesso escolar no ensino superior público”, disponibilizados em Maio de 2004 pelo Observatório da Ciência e do Ensino Superior (OCES), constituem objectivo das entrevistas:

- Analisar criticamente os dados do OCES;
- Identificar factores de sucesso/insucesso relacionados com os alunos e sua caracterização à entrada (contexto sócio-económico e cultural; percurso no ensino secundário; grau de prioridade de selecção do curso/instituição; expectativas iniciais);
- Identificar factores de sucesso/insucesso relacionados com a instituição:
 - Formas de integração dos alunos do 1º ano;
 - Clareza dos objectivos dos diversos programas de formação;
 - Preparação científica e pedagógica dos docentes; informação de que dispõem sobre os conteúdos dos programas do ensino secundário;
 - Aplicação de instrumentos de detecção de alunos em risco;
 - Acompanhamento de situações singulares;
 - Atitude institucional perante situações de insucesso e abandono;
 - Têm sido feitas discussões sobre as questões do sucesso/insucesso na instituição? Em que espaços ou órgãos isso tem acontecido? Que aspectos têm sido debatidos?
 - Nos últimos anos foram empreendidas iniciativas ou projectos sobre este tema na sua instituição, que sejam do seu conhecimento? Pode descrevê-los brevemente?
 - Serviços de apoio e orientação (pessoal empregue; grau de utilização; tipo de serviços prestados);
 - Contributo da “acção social” para a democratização do acesso e do sucesso dos alunos;
 - Grau de satisfação dos diplomados no que respeita à adequação da formação ao exercício da actividade profissional;
 - Opinião dos empregadores em relação à preparação dos diplomados pela instituição;
 - Grau de contribuição dos processos de avaliação para a melhoria das práticas institucionais;
 - Condicionantes da concretização de uma “cultura de qualidade”;

- Outros factores.
- Solicitar o agendamento de uma reunião com os serviços UNIVA da Faculdade, ou outros serviços similares, e a consulta dos respectivos relatórios de actividade e de outros documentos relacionados com o tema em estudo.

2. Grelhas de análise de conteúdo dos relatórios de avaliação externa, relatórios de auto-avaliação e relatórios de actividades das UNIVA, GAPSI ou equivalentes

Factores de sucesso/insucesso relacionados com o contexto, os alunos e sua caracterização à entrada

- contexto sócio-económico e cultural;
- percurso no ensino secundário;
- grau de prioridade de selecção do curso/instituição;
- expectativas iniciais

Factores de sucesso/insucesso relacionados com a instituição:

- Formas de integração dos alunos do 1º ano;
- Clareza dos objectivos dos diversos programas de formação;
- Preparação científica e pedagógica dos docentes; informação de que dispõem sobre os conteúdos dos programas do ensino secundário;
- Aplicação de instrumentos de detecção de alunos em risco;
- Acompanhamento de situações singulares;
- Atitude institucional perante situações de insucesso e abandono;
 - Estudos, debates e projectos
- Serviços de apoio e orientação:
 - pessoal empregue; grau de utilização; tipo de serviços prestados;
 - contributo da “acção social” para a democratização do acesso e do sucesso dos alunos;
- Grau de satisfação dos diplomados e empregadores no que respeita à adequação da formação ao exercício da actividade profissional;
- “Cultura de qualidade”:
 - contribuição dos processos de avaliação para a melhoria das práticas institucionais;
 - condicionantes da concretização de uma “cultura de qualidade”.

3. Quadro-síntese de trabalhos, eventos, organizações e redes dedicados ao estudo do sucesso/insucesso escolar no ensino superior português (1996-2006)

Ano/Autor	Título	Objectivos
1997, Sérgio Grácio	<i>Dinâmicas de escolarização e das oportunidades individuais</i>	Estudo das oportunidades de valorização dos agentes sociais na escola, no mercado de emprego e no espaço social, das relações de interdependência entre os universos escolar e socio-económico e dos diversos factores que, em cada um deles, balizam a formação e a realização daquelas oportunidades.
1998, CIPES	Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior	Aprofundar a investigação de forma a fazer avançar o pensamento crítico e promover um entendimento informado sobre as questões vitais das políticas de ensino superior a nível nacional e internacional. Áreas de interesse: relação do estado com as instituições de ensino superior, políticas de acesso ao ensino superior, subsistemas público e privado, avaliação da qualidade, governação das instituições, processos de produção de conhecimento, estudos comparativos, economia da educação.
2000, M. Villaverde Cabral e J. Machado Pais, (coordenadores).	<i>Jovens portugueses de hoje: Resultados do inquérito de 1997</i>	Apresentação dos resultados do primeiro Inquérito à população juvenil portuguesa (dos 15 aos 29 anos), contemplando quatro módulos principais: indicadores sociográficos, trabalho e emprego, conjugalidade e sexualidade, identidade nacional e cidadania europeia.
Natália Alves	<i>Escola e trabalho. Atitudes, projectos e trajectórias</i>	Análise da forma como os jovens dos anos Noventa se relacionam material e simbolicamente com o mundo da escola e o mundo do trabalho.
José Machado Pais	<i>Da escola ao trabalho: O que mudou nos últimos 10 anos?</i>	Comparação dos indicadores comuns aos Inquérito de 1987 e 1997.
	<i>Grupos juvenis e modelos de comportamento em relação à escola e ao trabalho: Resultados de análises factoriais</i>	Apresentação do resultado de uma análise factorial de correspondências múltiplas, com selecção de modalidades, para a área da escola e formação, com o objectivo de constituir classes ou grupos com índices de sobre-representação que lhes confirmem alguma tipicidade.
2000, José Tavares e Rui Santiago (coordenadores)	<i>Ensino Superior. (In)Sucesso académico</i>	Identificação dos principais factores de sucesso/insucesso dos alunos do ensino superior e estudo das melhores formas de intervenção para o sucesso
Isabel Alarcão	<i>Para uma conceptualização dos fenómenos de insucesso/sucesso escolares</i>	Conceptualização dos fenómenos de insucesso/sucesso escolares em torno de quatro vertentes - aluno, currículo, professor e instituição - que se entrecruzam sob o enquadramento das ideologias, valores e preconceitos vigentes.
Maria do Ceú Taveira	<i>Sucesso e insucesso no</i>	Abordagem das questões da adaptação e do sucesso no ensino superior e apresentação de estratégias de intervenção

	<i>ensino superior</i>	em estudantes do 1º ano..
José Bessa e José Tavares	<i>Níveis de ajustamento e auto-regulação académica</i>	Identificação e caracterização das influências existentes entre algumas variáveis do ajustamento e auto-regulação académicos em estudantes do 1º ano.
2001, Universidade do Minho	<i>As lições dos aprendizes. As praxes académicas na Universidade do Minho.</i>	Estudo das práticas da praxe, encaradas como rito de passagem
Rita Ribeiro		
Luísa Santos	<i>Adaptação académica e rendimento escolar. Estudo com alunos universitários do 1º ano.</i>	Análise da medida em que as três dimensões da vivência académica dos alunos (pessoal, de realização e contextual), avaliadas no Questionário de Vivências Académicas, se correlacionam com o rendimento escolar dos alunos do 1º ano.
Susana Aires	<i>Vivências e percepções do estágio no ensino superior</i>	Compreensão das múltiplas questões que permanecem por responder acerca dos estágios, contribuição para uma nova forma de conceber e pensar os estágios, inventariação das respostas às necessidades dos alunos.
Albertino Gonçalves	<i>As asas do diploma. A inserção profissional dos licenciados pela Universidade do Minho</i>	Apresentação de um conjunto diverso de indicadores estatísticos sobre a transição dos diplomados de vários cursos para o mundo do trabalho.
2002, Conselho Nacional de Educação	<i>Sucesso e insucesso no ensino superior português</i>	Subsídios para a operacionalização de modelos de análise sobre o insucesso académico através do cruzamento de três atributos: origem social, trajectória escolar e projecto profissional.
José Madureira Pinto	Intervenção	Explicação do modelo desenvolvido na Universidade do Minho para estudar o fenómeno do insucesso escolar, apelidado de “Modelo de interacção das vivências, satisfação e realização académicas”, que integrava as dimensões da aprendizagem, do ensino e da avaliação.
Leandro de Almeida	Intervenção	
2004, Leandro de Almeida (coordenador)	<i>Transição, adaptação e rendimento académico dos jovens do ensino superior</i>	Caracterização sociográfica dos alunos que ingressam na Universidade do Minho, avaliação das suas expectativas e motivações de ingresso, do seu grau de concretização no 1º ano e do seu impacto no sucesso académico, caracterização dos seus métodos de estudo e identificação de factores de adaptação à universidade e dificuldades na transição para a vida activa.
2005, DADAES	Rede de investigação sobre docência, aprendizagem, desenvolvimento e avaliação no ensino superior	Interligar e desenvolver sinergias entre os investigadores nacionais, fazer o ponto da situação dos trabalhos realizados a nível nacional e internacional, desenvolver projectos de investigação conjuntos, apresentar trabalhos científicos em congressos e seminários, desenvolver materiais de aprendizagem e docência.

Este relatório preliminar do estudo dos factores de sucesso e insucesso na Universidade de Lisboa pretende lançar as bases para um conjunto de investigações sobre as trajectórias escolares dos alunos da Universidade de Lisboa, nomeadamente para a construção de um Observatório de Percursos Estudantis. Começa com uma referência à relação entre a procura social de ensino superior, o aproveitamento escolar e a formulação de políticas educativas. Apresenta uma panorâmica das linhas de investigação internacional e nacional sobre aproveitamento escolar no ensino superior, debruçando-se depois sobre os estudos realizados na Universidade de Lisboa. Centrando-se, por fim, nos dados estatísticos mais actuais sobre o aproveitamento escolar e as taxas de diplomação na Universidade de Lisboa, identifica factores de sucesso/insucesso relacionados com o contexto sócio-económico e cultural dos alunos da Universidade de Lisboa, o seu percurso no ensino secundário e formas específicas de funcionamento e organização das várias Faculdades e da Universidade de Lisboa no seu todo, realçando um conjunto de “pontos fortes” e de “boas práticas” que poderão ser convertidos em programas de intervenção para o sucesso dos alunos da Universidade de Lisboa.



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

Alameda da Universidade, 1649-004 Lisboa
reitoria@reitoria.ul.pt
www.ul.pt